



MARIA
O'NEILL

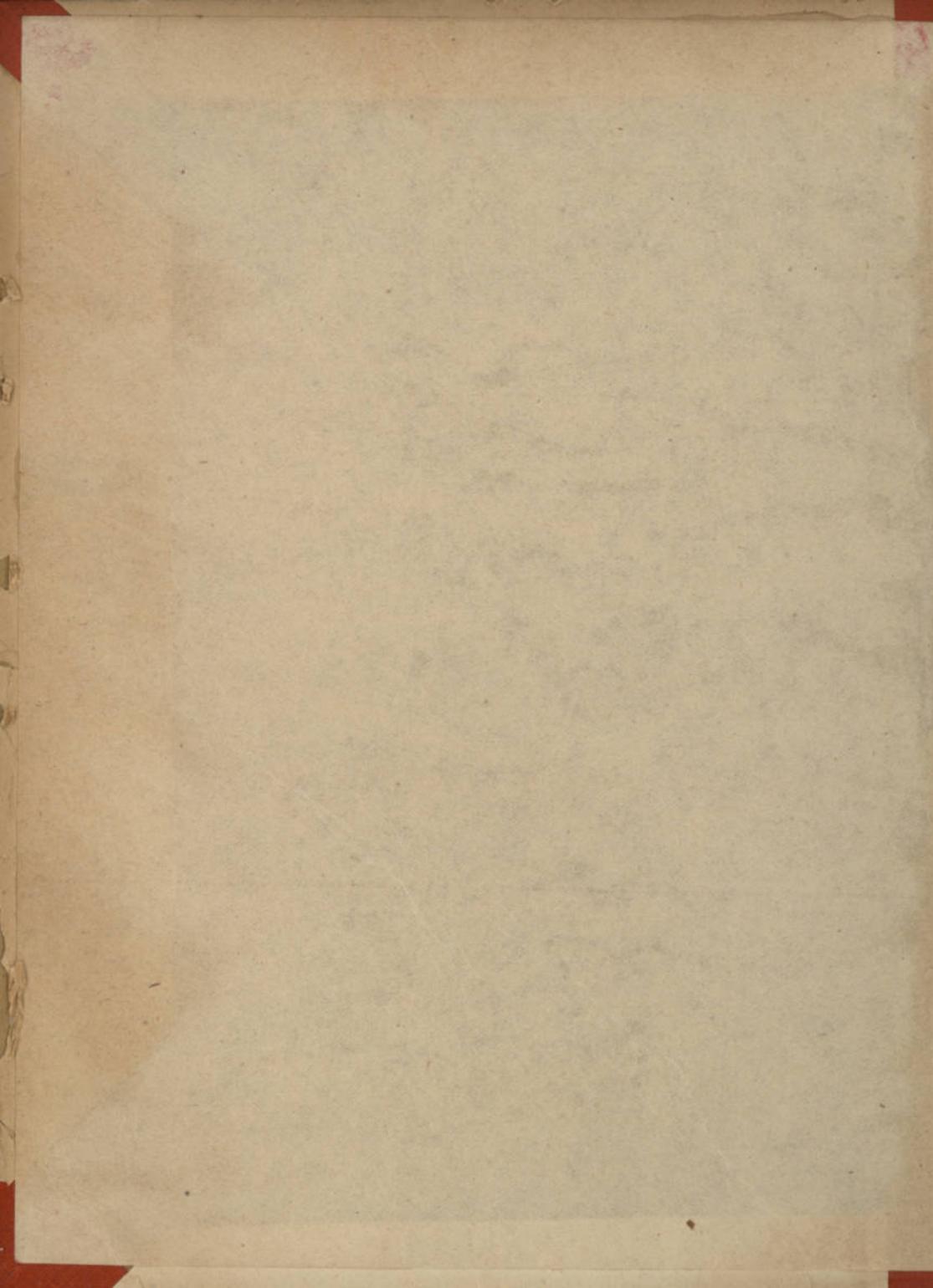
OS BONECOS
DE JOANINHA

il. y.º

BIBLIOTECA
PARA A INFANCIA

PARCERIA·A.M.PEREIRA·LIVRARIA·EDITORIA·LISBOA

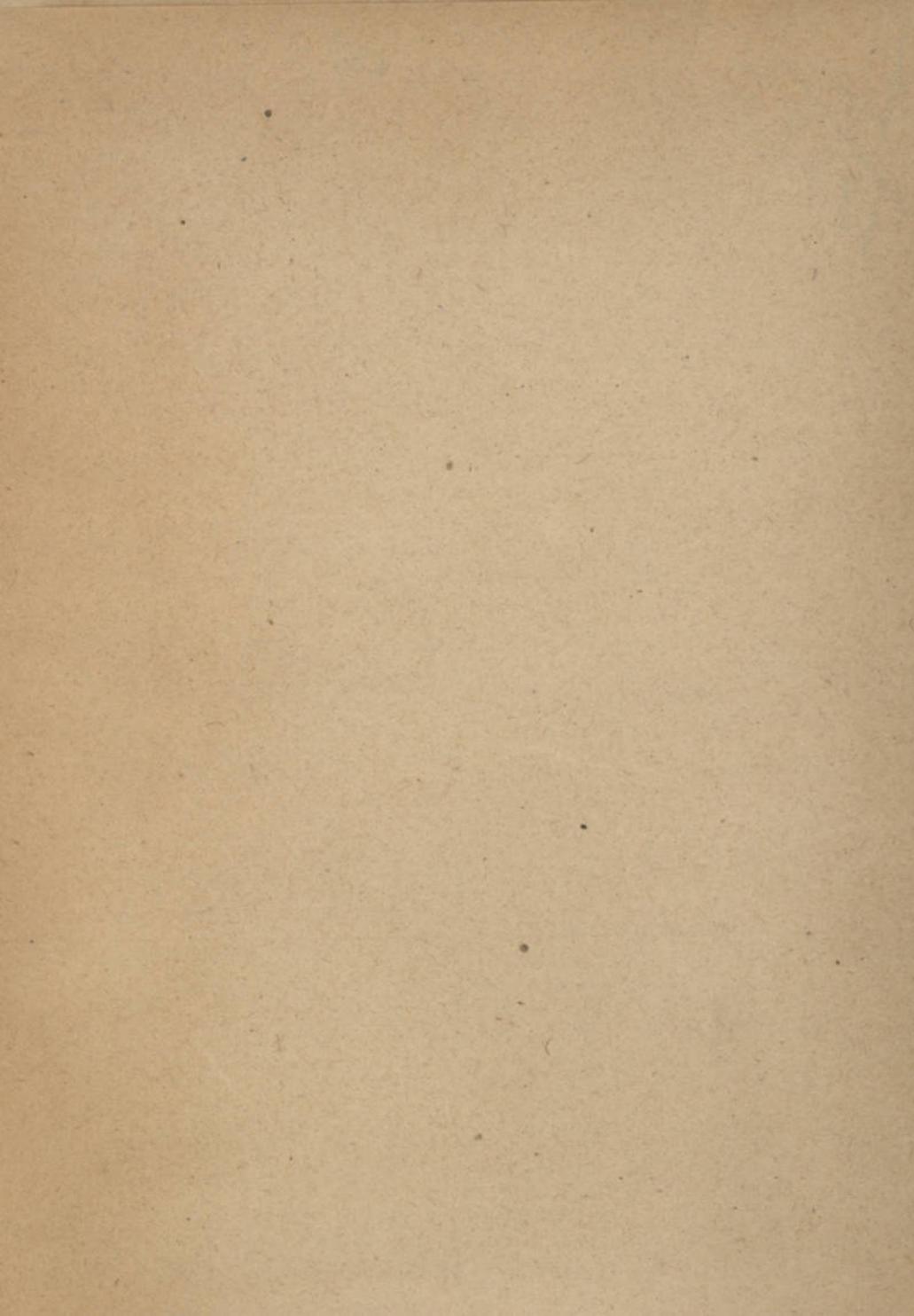
6



hc.
18.72/6

2

REPUBLICA FEDERAL DE BRASIL
OS BONDOS DE CAIXA





BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

OS BONECOS DE JOANINHA



*** TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA ***
RUA AUGUSTA, 44 A 48. LISBOA

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Horas de folga.
- 2 — Recreações infantis.
- 3 — Para ler nas férias.
- 4 — Por bom caminho.
- 5 — Para divertir.
- 6 — Alegrias.
- 7 — Histórias famosas.
- 8 — A fada loira.
- 9 — Contos da mamã.
- 10 — Para rir e pasmar.
- 11 — Feitos gloriosos.
- 12 — As ideias de Mimi.
- 13 — Proezas dum valentão.
- 14 — Maurício e Beatriz.
- 15 — Os bonecos de Joaquina.

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

POR

MARIA O'NEILL

OS BONECOS DE JOANINHA

CONTO



R. 82324

ILUSTRAÇÕES DE SANTOS SILVA



1922

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA



OS BONECOS DE JOAQUINA

85334

LISBOA
Rua Augusta 21 e 23
Livraria Estoril
PATRICIA ANTONIO MARIA PEREIRA



Eram doze os bonecos da filha do milionário americano Goldstone.

—; De cera? De louça? perguntam-me as minhas caras leitoras.

Nem de uma nem de outra cousa; de carne e osso.

—; Mas como arranjou ela bonecos assim?

Eu lhes conto.

Joaninha, apesar de ser filha dum homem riquíssimo, foi criada no campo, em casa duma velha que tinha criado seu pai.

Vivia a velha Joaquina numa mediania cómoda, que o seu antigo menino lhe proporcionara, mas convivía com tôda a gente pobre do lugar, a quem socorria conforme as suas posses, dando assim ocasião a que a pequenina *miss*, a quem estimava como filha, tivesse ensejo de examinar de perto o que era miséria e necessidade, e sentisse o coração confrangido com os males do seu próximo.

O pai, quando a ia ver, espalhava oiro ás mãos

cheias sôbre os pobres do lugar, mas Joanninha via que, sendo muito o que êle fazia, não bastava, porque, pouco tempo depois, estavam todos na mesma.

A sua cabecinha sofria á procura duma solução a tão grave problema, e pensava que, quando um dia fôsse senhora, remediaría de outro modo as desgraças alheias

Os anos passaram e chegou o momento em que *Sir* (1) Albert Goldstone veio buscar a filha á sua aldeia natal.

Joanninha tinha 12 anos quando empreendeu com seu pai a primeira viagem atravez da Europa. Depressa se habituou a todo o bem estar que a fortuna lhe proporcionava mas, como dizia a sua velha e intelligente preceptora, sentia em si o frio que os pobres tinham no inverno. Na transição de criança para mulher, a saúde de Joanninha alterou-se, e os médicos aconselharam ao pai uma longa permanência em Itália ou Portugal.

Sir Albert, tinha sangue português porque sua avó materna era uma portuguesa que emigrara com seus pais para os Estados-Unidos, quando criança, e, bem que nunca voltasse á patria, conservava dela uma saudosa e doce recordação que se expandia constantemente em frases de meridional encarecimento. Não hesitou, pois, um instante na escolha, e foi para Portugal que se dirigiu, no desejo de resta-

(1) Lê-se Sâr.

belecer a saúde da filha e de conhecer a terra de sua avó.

Não houve cidade, vila ou aldeia portuguesa que elles não percorressem de automóvel. De tôdas tiravam fotografias, e em tôdas socorriam os pobres. Finalmente, quando já nada lhes restava para ver, vieram para Lisboa. *Sir* Albert adorava a filha e, para lhe satisfazer os desejos, comprou um lindo palacete numa aldeiola dos arredores, onde ela declarou desejar fixar residência. A instalação, confiada a um dos melhores armadores e estofadores da capital, completou-se rapidamente, e Joaninha foi convidada pelo pai a vir à «Kermesse de Paris» buscar o fornecimento de bonecos que lhe agradasse para divertimento dos seus ócios.

— Eu não poderei comprar onde me agradar? É forçoso que me forneça nesse estabelecimento?

— Não: falei-te nele porque é onde me parece ter visto brinquedos melhores e mais caros.

— Que dinheiro posso gastar?

— O que quizeres. Compra e não te preocupes com o preço.

Metendo-se no automóvel com a *Miss* Clarke, Joaninha disse ao *chauffeur*:

— Pare em casa do snr. Prior.

— Que vamos nós fazer a casa dum padre católico? perguntou a velha americana, franzindo as sobrancelhas com desagrado.

— Pedir-lhe uma informação acêrca dos bonecos

que quero adquirir, volveu Joaninha abraçando-a e dizendo com um sorriso:

— Não seja intolerante, minha querida amiga; não me tem dito sempre que a intolerância e a intransigência são impróprias dum espírito elevado?

— Decerto, decerto, mas frequentar um padre católico!... Não sei se seu pai...

— Não tenha cuidado, minha bôa Clarke, eu respondo por tudo.

O automóvel, tendo atingido a casa paroquial, parou á porta. O rapazio apressou-se a rodear o carro, e a velha ama do padre prior assomando á janela do primeiro andar e fazendo com a mão uma pala para evitar que a fôrça do sol lhe impedisse a vista, disse:

— Salve-as Deus! precisa m alguma cousa do senhor Prior?

— Queríamos falar-lhe, disse Joaninha em mau português.

— Pois eu vou ver se êle estará para as receber.

Retirou-se da janela e, momentos depois, appareceu a abrir a porta envidraçada do rés-do-chão. Limpava as mãos ao avental, ageitava o lenço atado em volta da cabeça, murmurando com certa atrapalhação:

— Isto não é casa para receber as senhoras... hão de querer desculpar. O senhor prior estava dormindo a sesta: não tarda aí um ai.

E abria as portas de dentro das janelas, afastava as cortinas para entrar mais luz. Pela porta deixada

aberta entrou uma galinha, seguida dum rancho de pintos:

— ¿Então também quiere sala? Ora ponha-se-me a andar para o quinteiro, ande, tenha vergonha. Estas senhoras são da cidade, não estão habituadas à



E enxotava-as batendo as mãos.

sua convivência; vá, leve os seus meninos daqui que isto não é capoeira.

E enxotava-as batendo as mãos.

Joaninha ria do espectáculo, tanto mais que a galinha, com passinhos majestosos, adiantava-se rodeada dos filhos, em manifesta disposição de desobediência.

Então a velha baixou-se, apanhou-a pelas asas numa mão e, apanhando na mesma as pontas do avental, meteu nele os pintos, dizendo com viva impaciência:

— Quem não vem de vontade, vem á fôrça. Ora aí está.

No momento em que ela retirava, fechando a porta de vidraça após si, aparecia do lado oposto o prior.

Era um homem novo, pálido, de aspecto insinuante e bondoso sorriso.

— ; V. Ex.^a perguntou por mim? disse êle cumprimentando e dirigindo-se à preceptora.

— Não sou eu, é *miss* Goldstone que lhe deseja pedir um obséquio.

— Estou á sua disposição, minha menina. ; Em que lhe posso ser útil?

— Eu sou protestante, senhor prior, por isso não tenho nada que me recomende ao seu interêsse; mas, como as pessoas bem educadas sempre se entendem, eu creio que, apesar da divergência da nossa religião, nós poderemos ser bons vizinhos e estimarmo-nos... ; Engano-me?

— Diz muito bem, *miss*: podemos estimar-nos.

— Então começarei, para estabelecer bôa harmonia entre nós, por lhe pedir um favor.

— Sou todo ouvidos...

— Meu pai é o novo proprietário da Quinta das Oliveiras, que fica a pouca distância desta povoação.

Deu-me licença hoje para ir comprar bonecos para me divertir durante a minha estada em Portugal, e eu venho ter com V. Rev.^{ma} para que me aconselhe na escolhã.

— Eu! exclamou o padre admirado e sorrindo.

— Explico-me melhor. Fui criada numa aldeia onde tive ocasião de ver a pobreza de perto, e não acho justo que eu gaste tanto dinheiro para me divertir sem proveito.

— Sem proveito, não, *miss*: o dinheiro com que paga os seus bonecos vai beneficiar os operários que os fabricam. Essa gente morreria de fome se ninguém comprasse brinquedos.

— É verdade, não pensei nisso; no entanto quanto me diz é muito sensato, mas a minha opinião agrada-me mais.

— É natural: escuto-a.

— Eu queria educar doze crianças que tenham a minha idade: seis rapazes e seis meninas. Não pretendo levá-los para a minha religião nem exigir deles o menor sacrifício ou paga, o que não corresponde de modo algum à ideia que eu tenho de beneficio. Esses rapazes e meninas serão escolhidos entre os mais pobres da freguezia e internados nos melhores colégios da capital, à escolha de Vossa Rev.^{ma}. Cada dia irá o meu automóvel buscar um para passar o dia comigo a brincar; se tiver más notas, não virá. Essa saída representa um prémio de bom comportamento. Aqui para nós, eu prefiro os bonecos de car-

ne e osso; posso tê-los sem os humilhar, antes prestando-lhe um serviço que julgo bom. ;Pode auxiliarme neste meu empenho?

— Com muito gôsto. Mas lembro-lhe uma cousa, *miss.* As crianças devem ser educadas para o meio em que tem de viver, a não querer torná-las de futuro grandes desgraçadas.

— Oh! não. Eu obrigo-me a tomar inteiramente conta do seu futuro.

— ;E tem a certeza de não mudar de tenção?

— Absoluta.

— ;E se morrer sem ter tempo de cumprir as suas promessas?

— Pode dar-se, mas encarregarei meu pai de não faltar.

— Está bem. No entanto tome o meu conselho, *miss.* Para si até tem vantagem porque tornará mais variados os *seus bonecos.*

E na voz do sacerdote transparecia uma involuntária ironia.

— Eduque-os para estímulo e apoio do meio em que têm de viver e não os desloque. Se soubesse como é triste chegar um dia, uma hora, em que as pessoas, entre as quais passamos a infância, se tornam estranhas para nós, em que a linguagem que falamos não é compreendida, e as falas que nos dirigem já não têm interêsse para os nossos ouvidos! Eu podia escrever um livro sôbre êsse assunto. Nascido duma família de pescadores, meus pais quiseram pôr-me nos

estudos e fazer-me padre. Envaideceram-se com os meus triunfos como orador, mas a nossa distância intelectual tornou-se imensa, dando lugar a constantes causas de dissabor que eu aceitei só para mim, evitando-lhes a êles, por um estudo e trabalho contínuo, as decepções que guardei para mim só. Isto de ter de mostrar interêsse pelo que não interessa, de ter de corar das tolices e asneiras que nossos pais dizem, diante de estranhos... Emfim, para fazer realmente bem, não basta termos bôa vontade: é preciso que Deus nos ajude.

— *All righth!* (1) murmurou a velha americana que até então passara em silêncio os olhos dum para o outro, segundo aquele que falava.

— Bem, não lhe quero tomar mais tempo. Espero que V. Rev.^{ma} me apresentará com brevidade o meu primeiro boneco.

— Farei o possível para corresponder cabalmente á confiança que em mim deposita.

— Obrigada.

E as duas americanas despediram-se do prior com um sacudido apêrto de mão.

Miss Goldstone distribuiu bom-bons de chocolate aos admiradores do seu automóvel, e, em vez de o mandar seguir para a cidade, foi-se atravez dos campos, num andamento regular, respirando o ar embal-

(1) Lê-se *ol raithe* e significa está bem.

samado das flores, numa grande alegria de viver, de ser rica, e de poder fazer bem.

Miss Clarke, calada desde que saíra da residência paroquial, parecia não reparar nas belezas da paisagem. Joanhina notou-lhe a abstracção:

— ¿Em que pensa, *miss*?

— No que disse o prior.

— ¿Agradou-lhe?

— Não: a verdade não agrada nunca... Mas é uma pessoa judiciosa. Não ha dúvida.

E o passeio seguiu em silêncio.

II

A Quinta das Oliveiras é uma vivenda principesca. Pertenceu em tempo á familia rial e, dada como legitima a uma das infantas, foi mais tarde vendida pelos seus herdeiros a um portugûes que regressara rico do Brazil.

Tendo êste perdido ali a espôsa, desgostou-se da propriedade que adquirira com tanto entusiasmo, e passou-a por metade do preço a um ganancioso endinheirado que, sem pressa de se desfazer dela, a impingiu ao americano por mais do seu justo valor.

Era uma grande casa á antiga portuguesa, com as janelas gradeadas, largas escadarias de pedra, e paredes tão espessas, que no vão duma janela podiam

caber tres ou quatro pessoas sentadas e conversando. O americano disse ao estofador nas menos palavras possíveis:

— Modernisar não : á época.

E, sem se ocupar de mais nada, pagou á vista tôdas as contas que lhe apresentaram.

O gabinete de estudo de Joaquinha era mobilado de amarelo. Nas paredes, forradas de seda da mesma côr, pendiam dois grandes quadros: uma linda paisagem assinada por Carlos Reis, e um interior transmontano, saído do pincel de Alves Cardoso. Por cima da mesa de estudo uma linda cruz de mármore preto.

Era alegre e luxuosa aquella quadra.

Sentada junto da janelá, com um grande galgo deitado aos pés, Joaquinha tinha nos joelhos um precioso livro de Dickens, mas não lia: estendia o olhar ao longo da estrada, empenhando-se em ver se descobria quem eram os vultos que, formando um pequeno grupo, se aproximavam lentamente.

— Parece o prior, murmurou ella.

E levantando-se, saíu á varanda, apoiando os cotovelos na grade.

Não se enganara. Soou a campainha do portão, e, momentos depois, uma criadilha gentil veio dizer-lhe que o porteiro mandava dizer que o senhor Prior perguntava se podia ser recebido.

— Vá dizer ao mordomo que o receba e o acompanhe aqui êle próprio.

Este mordomo era um pobre velho, que servira

longos anos o rei D. Fernando no paço das Necessidades e que as dificuldades da vida levaram mau grado seu a aceitar um logar rendoso em casa do milionário americano.

Este facto de ter sido criado no Paço dera a Lucas uma grande importância não só aos olhos do americano, apesar de filho segundo duma distinta familia inglesa, como aos da filha.

Lucas era quem punha e dispunha tudo em casa. Se não mandava os amos, guiava-os, e ninguém lhe dava ordens. Por isso encarregá-lo de acompanhar o Prior era conceder a êste a maior honra que ali se lhe podia prestar.

Virgínia assim o entendeu e o Lucas desempenhou-se gostosamente da missão porque muito prezava o clero.

Joaninha foi á porta da sala esperar o prior, que apressou o passo no corredor assim que a avistou, dizendo já de longe :

— Como vê, *miss* Goldstone, não me fiz esperar.

Trocaram-se cumprimentos e o prior começou :

— O primeiro protegido que lhe trago é um rapazinho que completa em março 12 anos, e chama-se Ernesto.

Ele está lá fora. Antes de lho apresentar, quis contar-lhe a sua história. Não tem pai, nem mãe nem ninguém; morreram por ocasião da epidemia os seus parentes, e êle ficou só, entregue aos cuidados de estranhos, que... o não tratam bem. Aqui tem a *miss*

um rapaz que ganha em ter uma esmerada educação e que pode meter num colégio magnífico sem receio de o poder prejudicar.

— ¿ Conheceu os pais dele ?

— Conheci: o homem era pedreiro e a mulher lava-



— ¿ Conheceu os pais dele ?

deira. Bôa gente, mas muito pobre e sem sorte. ¿ Con-
sente que lhe apresente o pequenito ?

— Não se incomode, snr. Prior, eu vou man-
dá-lo vir.

Tocou a campainha e ordenou a Virgínia que
introduzisse o pequeno.

Momentos depois entrou êle. Era um rapaz alto,

magro, trigueiro, de olhar vivo e inteligente e porte ativo. Pés descalços, mas lavados, calções velhos e rotos, uma camisa limpa, mas muito velha, um colete que tinha sido preto, mas a que já se não conhecia a cor e um carapuço de malha preto ao hombro, também muito usado.

O prior entendeu dever fazer a apresentação :

— Esta menina é que deseja proteger-te, Ernesto. Tu tens vontade de estudar e de ser alguém ; não é verdade ?

— Assim é, senhor Prior.

— ¿ E que carreira desejavas tu seguir ? perguntou Joaninha em mau português.

— Não percebo.

— O que é que tu desejavas ser ?

— Um grande cantor.

— Tens voz ?

— A melhor de todos cá do sítio.

— Pois tentaremos fazer de ti cantor. Mas primeiro vais entrar para um bom colégio. . . Senhor Prior, mande fazer-lhe um bom enxoval em cousa alguma inferior aos dos outros, e meta-o numa boa escola. Mande as contas ao meu mordomo que serão pagas imediatamente. Logo que elle esteja pronto para começar a sua nova vida, está convidado a vir com o senhor prior jantar ás Oliveiras.

— Mas seu pai?! murmurou o padre interdito.

— E' em seu nome que os convido. Ele terá muito prazer em fazer o conhecimento do snr. Prior.

As visitas despediram-se e Joaquina acompanhou-os á porta da quinta. Ali estendeu a mão ao pequeno Ernesto que olhou aflito para o padre, e, a um sinal dêste, estendeu-lhe também a mão.

Notando-lhe o constringimento, Joaquina disse-lhe:

— Devemos ser bons camaradas, Ernesto; verás que eu brinco tão bem aos caçadores e aos soldados como se fôsse rapaz.

Ele teve um sorriso de amável complacência, mas em que era visível a desconfiança dos merecimentos que Joaquina se attribuia.

Nessa mesma tarde, uma senhora modestamente vestida de preto apparecia nas Oliveiras dizendo que procurava *miss* Goldstone da parte do prior. Foi logo recebida.

Era viúva, estava nas piores circumstâncias e tinha dois filhos, um rapaz e uma menina. Ele chamava-se Jaime, ella Margarida, mas nenhum deles tinha idade para receber os benefícios de Joaquina, visto que ella marcara dôze annos; no entanto talvez se não achassem em tal momento tres pessoas mais necessitadas, pois nem mesmo a pedir se atreviam apegar de terem fome.

Joaquina leu a carta, mandou entrar a senhora, e, depois de a ter ouvido, disse-lhe:

— Deixe-me V. Ex.^a falar com meu pai e dê-me hoje o prazer de passar o dia na quinta com os seus filhinhos.

Quando *sir* Albert entrou em casa, a filha mandou

dizer pelo velho Lucas que lhe precisava falar e expôs-lhe o estado da pobre senhora e o desejo de a conservar na quinta com os filhos até que ela recobrasse mais serenidade de espirito.

Sir Albert Goldstone acedeu gostosamente, e Joanninha escreveu ao prior a seguinte carta.

Senhor Prior

Fico com a senhora e com os dois meninos, mas a senhora conta por um dos protegidos que eu lhe tinha encomendado. Faltam-me ainda oito que V. Rev.^{ma} escolherá com o critério e o escrúpulo já demonstrado. Pelo que muito grata lhe fica.

Joana Goldstone

Miss Clarke, no dia seguinte, teve tres discípulos á lição. D. Benedita teve uma grande alegria com a protecção que lhe dispensara Joana, mas, conhecedora do mundo, pensava que aquilo não podia durar.

A ideia de ficar no palácio não lhe agradou. A pobre senhora pensava que Joana, caprichosa como tôdas as crianças, recebia-a num momento de dó, mas era natural que a despedisse num momento de zanga.

Se fôsse ela só, saberia portar-se de maneira a conservar o lugar que lhe davam, mas com os peque-

nos!... As crianças sabem tão pouco medir as conseqüências das palavras e dos actos!

E êstes justos pensamentos enlutavam a alegria que a pobre mãe sentia em se ver acarinhada e protegida, assim como os seus filhinhos.

Joana deu-lhe por ocupação escriturar tôdas as suas despesas, escrever cartas por ela, emfim ser a sua secretária.

De tarde, depois das lições, D. Benedita ia passear com os seus filhos, enquanto Joana saía com *miss* Clarke.

— ¿Porque não traz os pequenos consigo, *miss* Glodstone? perguntou-lhe a sua velha preceptora.

— Para lhes dare á pobre mãe uns momentos de vida familiar. A liberdade é-me tão agradável, que não privo dela sem pena os meus semelhantes.

Se D. Benedita conhecesse melhor Joanninha, teria menos preocupações pelo futuro. O carácter da filha de *sir* Albert nada tinha da nossa vulgar inconstância meridional: era frio, reflectido, e tão ponderado, que parecia ter outra idade.

D. Benedita e os filhos jantavam á mesa com Goldstone, a filha e *miss* Clarke.

Os pequenos sentiam-se acanhados naquele luxuoso meio, mas, como eram bem educados, agradavam a todos.

No domingo, o Prior apresentou Ernesto, elegantemente vestido com o fardamento de aluno do colégio de Campolide e antes de jantar os pequenos cor-

reram e brincaram pela quinta sem que surgisse o menor dissabor.

Ao jantar, o padre perguntou a Jaime o que êle queria ser, e o pequeno respondeu-lhe com uma sinceridade que fez rir todos que o ouviam :

— Sempre criança.

— Era melhor ! exclamou Goldstone. Da tua idade já eu tinha deixado a casa paterna e andava na pesca do bacalhau. Ha quanto isso vai !

D. Benedita, tomando êste dito, pronunciado naturalmente, como uma censura, corou até á raiz do cabelo : os pobres sonham com tudo que os pode melindrar. Joana notou o facto e apressou-se a emendar :

— Pois sim, mas tu começaste a vida em condições especiaes, o que raras vezes succede ; tiveste de olhar por ti, de te fazer homem, apesar de ainda o não sêres. Jaime tem mãe, tem em mim uma irmã, emfim tem razões muito boas para desejar ter os mimos que te faltaram ; mas mudemos de assunto, sim ? As infelicidades da juventude de meu pai lembram-me um enredo de romance de folhetim, não é verdade ?

— ; Não gostavas de ir para Campolide como Ernesto ? perguntou Goldstone a Jaime.

— Não ; gosto mais de estar aqui.

O Prior foi convidado a vir dar lições de português a Joanhinha e dentro em pouco eram os melhores amigos do mundo.

— Então o resto dos meus bonecos ? perguntou-

lhe um dia a discípula, vendo que já lá ia um mês sem que o número dos seus protegidos tivesse aumentado.

— Estão todos prontos, respondeu sorrindo o Prior.

— ¿Então porque não veem?

— Porque desejei encontrá-los dignos da sua protectora. Amanhã, se me der licença, virão receber as suas ordens.

— ¿E porque não hoje?

— Alguns moram longe daqui.

— E são bonitos ou feios?

— Não me preocupei com isso, mas parece-me que não são feios. Ha um até que é muito bonito; comtudo talvez lhe não agrade. . . .

— Porquê. . .

— Tem um defeito fisico: é corcunda.

— Coitadinho! Foi de nascença?

— Não: resultado duma queda. Andava a brincar com outros e caiu dum muro abaixo. Ninguém toma conta deles. . . andam por aí ao acaso. . .

— Pobres pequenos! Havemos de pensar em remediar o mal, pelo menos na sua freguezia, sr. Prior.

— Muito grato lhe ficarei, e já o estou, *miss*. . . Que pena tenho que não pertença á Igreja Romana!..

— Não falemos nisso, meu amigo, para nos podermos entender bem. Eu protegerei os seus parquianos, e o sr. Prior fará deles, se quiser, bons cató-

licos a seu modo. Cada um seguirá a religião dos seus pais e todos serviremos Deus; não lhe parece?

O padre suspirou e replicou:

— A *miss* é boa e compreende, como pouca gente, a caridade cristã.

— Em volta da sua igreja ha um grande campo, e não é verdade? A quem pertence?

— E' baldio.

— E eu poderia comprá-lo?

— Certamente; mas, sendo para uma obra de beneficência, é possível que a Câmara Municipal o cedesse gratuitamente.

— Trate então disso, sr. Prior, e colherá brevemente as bênçãos dos seus paroquianos.

— E mas seu pai não julgará que eu estou abusando da sua caridade?

— Meu pai conhece-me. Sabe que ninguém tem influência em mim.

— E isso é orgulho? perguntou-lhe o padre sorrindo.

— Confesso que sim e que me parece um sentimento digno e justificado.

— Mudemos de assunto. Em pontos de moral não quero intervir.

No dia imediato, oito crianças acompanharam o prior á quinta das Oliveiras. E o padre apresentava-os assim....

— Macário e Fortunata são irmãos e não têm mãe: o pai está no Brasil, mas não quer saber deles.

Vivem com a avó, cega dum olho, e que trabalha aos dias em costura por casa dum e de outro.

— Visto isso, parece-me que pertencem ao número dos que se podem mandar para Campolide e Doroteas?

— Sim, acho que sim.

— Estas cinco meninas têm a mãe tísica, mas elas são saudáveis.

— E o pai?

— Morreu ha muito.

— Como se chamam?

— Hortense e Maria são gémeas e têm dôze anos; Leonor tem mais um, Joana tem dez e Lúcia onze. Atendendo ao estado grave da mãe, fechei os olhos á diferença de idade... não sei se...

— Fez muito bem, senhor Prior.

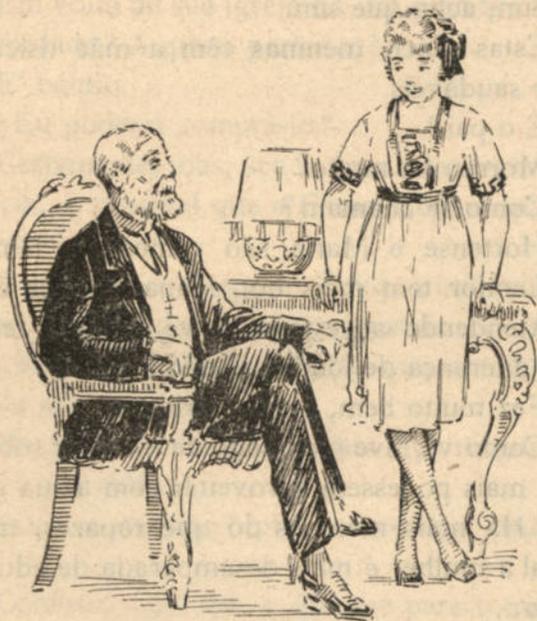
— Como vê, tive o cuidado de escolher sobretudo os que mais podessem aproveitar com a sua generosidade. Ha mais meninas do que rapazes, mas em Portugal a mulher é mais desamparada de educação; portanto...

— Fez bem, fez muito bem.

— Este é Samuel, o pequeno em que lhe falei ontem; nunca conheceu mãe e o pai morreu-lhe ha pouco. Portanto, pode educá-los a seu gôsto sem com isso lhes infelicitar a família nem lhes causar dissabores.

— O senhor Prior já está ao facto do caminho que êles desejam seguir?

— As meninas dizem que querem ser mestras, mas para estas imaginações infantis que só conhecem os quatro palmos da aldeia em que foram criadas, é aspirar ao máximo que elas teem visto em mulher.



— Então que tal vão os teus bonecos...

Os rapazes sabem ler e escrever e têm os exames primários. Eu nisso sou cuidadoso em chamar os pais ao cumprimento dos seus deveres de instrução; mas na idade que têm, ainda não sabem o que querem.

— Eu sei, afirmou a americana corando.

— A *miss* é uma criança precoce, no entanto nada

nos garante que o seu modo de pensar não sofra modificações. . . A natureza humana é inconstante.

Joaninha não gostou da desconfiança do padre. Corou ainda mais e não redarguiu cousa alguma. Êle observou-lhe:

— Faço votos para que se conserve sempre tão bôa como é: não lhe desejo pouco.

— E tu que carreira queres seguir, perguntou a jovem americana a Samuel no empenho de cortar a a conversa.

— Não sei. . . a que a menina quiser.

— Isso é que se chama ser condescendente.

— Pois bem, senhor Prior, as meninas vão tôdas para as Doroteas e os rapazes para Campolide; neste número conta com os filhos de D. Benedita que prefere tê-los no colégio, o que muito me admira, mas emfim. . . são gostos.

O padre, com quem D. Benedita tinha desabafado os receios do seu espírito, aprovou calorosamente a resolução.

— Faz muito bem, minha senhora; êles terão ali uma educação muito diferente daquela que poderiam receber em casa, por bons professores que tivessem.

Os pequenos retiraram-se, ficando combinado que cada um deles viria passar um dia á quinta até correr a vez por todos. Perderiam a vinda a casa quando as notas não fôsem bôas.

Sir Albert Goldstone perguntava á filha:

— ; Então que tal vão os teus bonecos, minha pequena?

— Admiravelmente, meu pai. Dão-me tôdas as sensações da verdadeira maternidade: posso dizer sem mentir que tenho filhos e que me dão cuidados e prazeres como se eu fôsse realmente sua mãe.

— Bom, bom é isso... Estás satisfeita. É o que se quer.

— Mas como sabe, pai, nós desejamos sempre mais do que temos

— Sim?... ; Então que mais queres?

— Uma pequena cousa...

— Hum! pequena?... Tu geralmente nunca pedes pouco.

— Queria fazer uma obra de ligeira construção junto da casa paroquial.

— Pois sim... se isso te diverte.

— Imensamente.

O pavilhão elevado poucos meses depois no baldio que se estendia ao longo da residência do pároco, era duma grande simplicidade: um grande barracão de madeira com duas divisões, uma pequena, outra grande. A pequena era uma cozinha; a grande, uma enorme sala com duas longas mesas rodeadas de bancos, e ao fundo, junto à parede, uma enfiada de berços. Tudo muito simples, muito limpo, muito cuidado, sem um objecto a mais, mas com tudo quanto era indispensável. Um estrado, e tres cadeiras sobre êle.

Pelo lado externo do pavilhão havia um estreito canteiro, onde tinham semeado trepadeiras, roseiras e várias plantas. Árvores de fruto, já desenvolvidas, foram plantadas de espaço a espaço, e pequenas mesas rústicas rodeadas de bancos foram colocadas perto delas. O terrasso foi rodiado duma alta sebe onde foram plantadas silvas, agaves e roseiras. Nada mais simples; mas naquela singelesa havia graça e elegância

D. Benedita foi feita directora daquela creche a que foi dado o nome de «Casa Maternal.» Tõdas as crianças pobres da povoação eram ali recebidas, mesmo aquelas que eram ainda de colo. As pequeninas mais velhas com doze, treze, e catorze anos, faziam a sua aprendizagem para mães sob a direcção intelligente de D. Benedita e de Evarista, a avó de Macário e Fortunata, auxiliadas por duas excelentes senhoras que o prior inculcara a Joaninha.

As crianças eram para lá levadas de manhã, frequentavam dali a escola primária, e finda ela, voltavam para a casa maternal.

Aprendiam todos os misteres que uma bõa dona de casa devia saber, inclusivè tratar de crianças.

Todos os dias, senhoras, homens, pessoas idóneas, convidadas expressamente por Joaninha para êsse efeito, iam ensinar-lhes, em desprezenciosas palestras, tudo aquilo que uma pessoa deve saber para se tornar um valor social apreciável. Economia doméstica, culinária, mutualismo, previdência, moral,

tudo emfim que pode concorrer para o bem estar físico e moral do indivíduo, era ali tratado proficientemente.

Às quintas feiras e domingos, havia sessões de animatógrafo com fitas interessantíssimas, que eu hei de descrever num outro voluminho de histórias que os meus pequenos leitores não de certamente apreciar.

Nas quartas-feiras à noite e nos sábados, o animatógrafo funcionava para os pais, e as crianças concorriam a um baile campestre com cantos patrióticos com os quais se divertiam até findar o espectáculo.

Nas noites de chuva ou vento, o prior reunia-os na sacristia e contava-lhes belos episódios da história sagrada intermeados com cantos religiosos, entoados ao som do órgão que Joaninha oferecera ao sacerdote no dia dos seus anos.

A jovem americana divertia-se imenso com os seus estudos e com as ocupações de mãe de tão numerosa família. Levantava-se cedo e dava um longo passeio a cavalo acompanhada por seu pai. Entrando em casa, tomava o seu banho, almoçava e dava lições até à hora do lanche, a que já assistia o pequeno ou menina que o automóvel ia buscar ao colégio.

Depois, ia com o seu protegido à «Casa Maternal» onde se demorava uma hora aproximadamente, seguindo depois para Lisboa onde vinha, segundo a sua expressão, civilisar os seus protegidos, levando-os

a admirar, ora um museu, ora uma igreja ou um monumento, qualquer cousa sôbre a qual o prior lhes fazia depois uma palestra elucidativa ao jantar, findo o qual, ela mesma achava prazer em levar ao colégio as crianças deixando que o *chauffeur* lhes ensinasse a guiar, o que para a pequenada era um grande prazer.

A caridade de Joanhina estendera-se à pobre tísica, mãe das cinco meninas que adoptara. Não a ia ver porque seu pai lho proibira formalmente, mas pagava-lhe um quarto particular no hospital de S. José e encarregara o Prior de velar por que lhe não faltasse nada.

— Se os meus vizinhos não fôsem protestantes, dizia o padre Cosme nas suas visitas ao colégio de Campolide, eu diria que êles eram uns enviados da Providência. Que diferença se nota dia a dia na minha aldeia! Há fortunas que caem em mãos abençoadas: luzem. Aquele povo era pouco cuidadoso na limpeza, as ruas da aldeia pareciam estrumeiras. Agora vão vê-las. Há tres varredores que limpam as ruas e por atenção com o americano tão generoso para todos, ninguém as suja, antes põem cuidado em merecer o seu elogio, quando, no domingo á tarde, êle passeia com a filha atravez do povoado. É que aquilo agora está mesmo bonito. Êle deu um sino à igreja, um chafariz e candieiros à povoação, emfim tem feito aquela gente feliz. Já lá temos médico, botica e pôsto de enfermagem. *Sir* Albert interessa-se muito pela beneficência da filha e dá conselhos aos

pais dos seus protegidos. Muitos tornaram-se seus empregados. Aos pequenos lavradores ensina métodos novos de cultura, empresta livros, dá sementes, e explica o modo de as lançar à terra. É uma criatura tolerante, inteligente e benévola, que parece ter guardado a severidade só para uso próprio. Estima tôda a gente e todos o estimam. Quando fala em ir à América, espalha-se na aldeia o receio de que se demore ou por lá fique, o que seria um grande prejuizo para a povoação

O padre Magalhães, que ouvia com grande atenção o prior, observou-lhe quando êle parou de falar:

— Faz-me pena ver num estrangeiro um procedimento dêsses, e termos em Portugal homens educados por nós com tanto cuidado, e que a sua sentimentalidade egoista torna rebeldes a qualquer nobre iniciativa. E queremos nós progredir! . . .

— E' uma lástima! ; Que me diz V. Rev.^{ma} do aproveitamento dos quatro pequenos?

— E' excelente: os rapazes dão carreira e o Ernesto progride a olhos vistos: todos os mestres são unânimes em dizer que êle será um grande cantor; a sua voz é realmente uma maravilha. Hontem, à bênção, cantou num solo o *Tantum ergo*: foi um enlevo! Tôda a gente queria saber quem êle era.

— ; E será possível, sem aumento de despesa, transferi-lo para o colégio de Milão?

— Não ha dúvida: basta pagarem-lhe a passagem.

— ;E Samuel?

— Samuel é um encanto.

— ;E qual lhes parece a sua vocação?

— Suponho que virá a dar um astrónomo, o que será excelente com aquela figura. . .

— Pobre pequeno! E Jaime?

— E' uma vulgaridade. Estuda bastante, mas o resultado não compensa o esforço.

— Pobre D. Benedita! ;E Macário?

— Um talento invulgar e uma máquina de estudo: é o melhor da aula.

— Ainda bem.

O prior despediu-se, contente do superior dos jesuitas e dirigiu-se ás Doroteas. Quando tocou a sineta, viu um automóvel parado e pareceu-lhe que era o de *Sir Goldstone*, mas; como o *chauffeur* estava do lado oposto, não pôde adquirir a certeza de se não enganar.

A porta demorou a abrir, como de costume, e o prior, depois de esperar muito, foi introduzido pela porteira numa vasta sala, com as paredes ornadas por alguns painéis religiosos pendurados à antiga por um cordão verde num prego de cabeça amarela.

A mobília era um canapé de palhinha com doze cadeiras iguaes, postas simétricamente em volta da sala, uma grande mesa no centro da casa, coberta por um longo pano verde, tendo ao meio uma grande imagem de N. S. das Graças sob uma redoma de vidro.

A imagem estava ladiada por dois grandes ramos de flores, feitos de penas de côr, também colocados sob redomas. Na parede, em frente do sofá, uma alta e magnífica papelreira de pau santo.

A sala tinha tres rasgadas janelas de sacada dan-



— Louvado seja para sempre Jesus, Maria e José.

do sôbre os jardins floridos. Um côrô de vozes infantís erguia-se dali num alegre chilrear.

O padre Cosme chegou á janela e sorriu, observando os vários grupos formados pelas crianças. Nisto, uma tosse discreta anunciou-lhe que não estava só. Voltou a cabeça e viu, a pouca distância, parada,

uma freira com as mãos metidas nas mangas do hábito.

— Louvado seja para sempre Jesus, Maria e José.

— Amen, minha irmã.

— Disse-me a nossa mãe que Vossa Rev.^{ma} desejava falar-me

— E' verdade. A mestra geral, melhor do que ninguém, me poderá dizer o que pensa da aplicação das sete protegidas de *miss* Goldstone.

— Meu padre, ainda não tenho ácerca de tôdas um juizo perfeito; no entanto as cinco irmãs são muito estudiosas e aplicadas; pena é que não possa fazer-lhe egual elogio de Fortunata...

— ; Então?

— Deus me perdôe, disse a freira benzendo-se, mas parece que tem o inimigo no corpo; não faz senão maldades. Cose os vestidos das meninas que lhe estão na frente, uns aos outros de modo que, quando se vão a levantar, acham-se presas e não podem entrar na forma com a rapidez devida. Quando pode, mete inesperadamente um pé diante de qualquer companhia que vai a andar, e fa-la cair. Chama áquilo *passar uma rasteira*, e ensina as outras a fazerem os mesmos disparates. Estamos tôdas muito descontentes com ela e, se não fôsse uma menina tida em condições tão especiais, já a tínhamos expulsado.

— ; E Margarida?

— E' boasinha, mas pouco inteligente. Mas, voltando a Fortunata: agora estava eu aflita porque

miss Goldstone mandou o automóvel busca-la. Eu não queria dizer nada em seu desabono, mas deixa-la ir, tendo, ainda esta manhã, pregado com uma das mais velhas e bem comportadas dentro do tanque da horta, é forte! Demais, quando a irmã Eulália de Santa Maria lhe ralhou, poz-se a rir e a troçar por detraz dela, fazendo com que as outras fôsem também castigadas por se perderem de riso: é uma insubordinada. Mas visto que V. Rev.^{ma} aqui está, meu padre, dê-me um conselho: ¿Que hei de fazer?

— Deixe-a sair, dizendo-lhe que é por eu ter vindo. Eu irei com ela e pelo caminho tentarei chama-la á razão. Aquela louquinha não tem ninguém no mundo, a não ser a avó, velha que *miss* Goldstone empregou na Casa Maternal...

— Crianças!

— Nem para elas são boas.

— Diz bem, meu padre; a bondade infantil é uma lenda. Na criança, mais que no adulto, são visíveis os defeitos e maldades porque não adquiriram ainda a manha precisa para os ocultar.

— Mestra Geral, é preceito de Cristo usarmos de caridade com o próximo.

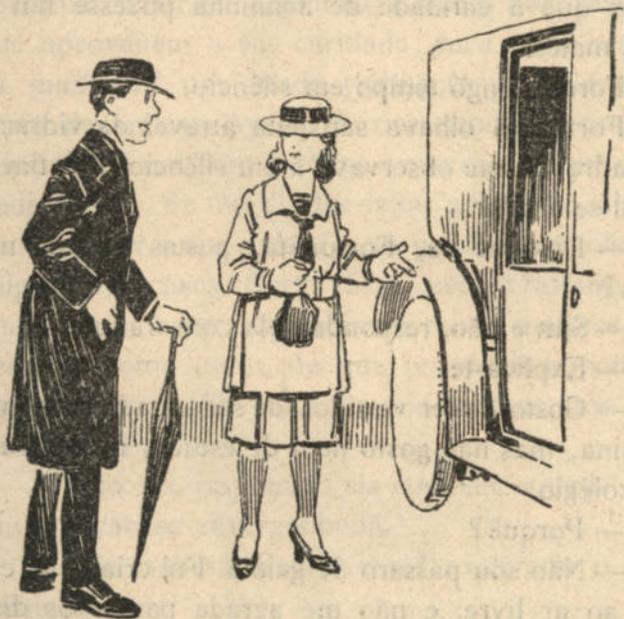
— Diz muito bem, Rev.^{mo}; mas a caridade não deve alterar a justeza do nosso juizo: cabe-lhe apenas tornar benevolente a justiça, ¿ não lhe parece?

— Não há duas opiniões.

— Vou chamar Fortunata. Eu já lhe tinha dito... mas emfim...

E a mestra geral retirou-se manifestamente descontente por ter de alterar a ordem que já dera.

Um quarto de hora depois, Fortunata, vestindo o elegante uniforme das educandas daquela casa reli-



Fortunata vestindo o elegante uniforme...

giosa, safa com alegria do convento e metia-se com o padre Cosme no magnífico automóvel da família Goldstone.

Quem a visse, com a longa cabeleira loura caída pelas costas em bem cuidados canudos, com o rosto sombreado pela aba larga do chapéu de feltro ver-

melho, o grande cabeção de renda ostentando a sua imaculada alvura sôbre o vestido negro com faixa vermelha, os pés muito bem calçados, supô-la-ia uma menina opulenta, e não a neta da pobre cega, que tantos dias de fome passara para alimentar os netos, antes que a caridade de Joaquina puzesse fim aos seus males.

Foram longo tempo em silêncio.

Fortunata olhava satisfeita atravez da vidraça, e o padre Cosme observava-a em silêncio. Por fim decidiu-se a falar.

— Dize-me cá, Fortunata, gostas da tua nova vida?

— Sim e não, respondeu ela com franqueza.

— Explica-te.

— Gosto de ter vestidos, de ser tratada como uma menina, mas não gosto nem de estudar nem de estar no colégio.

— Porquê?

— Não sou pássaro de gaiola. Fui criada no campo, ao ar livre, e não me agrada passar os dias á banca de estudo.

— Então tu estás persuadida que a vida é um divertimento?

— Para mim só deixou de o ser quando sentia frio ou tinha fome.

— Ora, dizê-me, não te era muito desagradável tornar a andar suja, esfarrapada e sem ter de comer?

Fortunata empalideceu e murmurou:

— Isso era.

— Pois é o que te acontecerá se continuares a dar razão de queixa á mestra geral. Ela, hoje, não te queria deixar sair. Mandou-me chamar para me encarregar de dizer a *miss* Goldstone que não podia continuar a ter-te. Joaquinha é muito bôa, mas quer que aproveitem a sua caridade: *para quem não quer ha muito*. E' um ditado portuguez que ela sabe e gosta de aplicar. Apesar de rica estuda imenso, porque saber é um dom sublime e um capital que se não pode alienar. Se um dia lhe faltar a fortuna, sabe que pode ganhar a sua vida. Quem pensa assim não desculpa preguiçosos. Certo disso, pedi á mestra geral que sustasse as suas queixas até novos motivos, convencido, como estou, de que procedias impensadamente, sem medir o alcance que os teus atos poderiam ter. ; Fiz bem?

— Não sei, respondeu ella com sinceridade e baixando a cabeça envergonhada.

— Não sabes! Essa agora! exclamou o padre admirado.

— Eu lhe digo, prosseguiu tímidamente Fortunata; não faço mal por gôsto de fazer mal: é porque me saem as cousas sem ter tempo de as pensar. Quando dou pela asneira, já está feita. Algumas vezes arrependo-me... mas é tarde. As freiras não estão contentes comigo nem eu com ellas.

— ; Então que tencionas fazer? perguntou o padre Cosme, surpreendido com tanta sinceridade.

— Parece-me que o melhor é dizer tudo francamente á menina Goldstone. Eu não sou ingrata e não quero que ela me julgue mal. Talvez ela me possa pôr na Casa Maternal... Eu gosto mais de estar na



Estás hoje com uns ares...

terra do que no colégio e não pretendo saber mais do que o preciso para ganhar a minha vida de qualquer maneira.

— Está bem; fala com a tua protectora e Deus

permita que não te arrependas de dar tão pouco valor ao futuro que podias ter.

Joaninha estava-se a vestir para o almôço quando lhe anunciaram Fortunata.

— Que entre, disse ela sem se voltar.

A pequena entrou, mas sem a costumada desenvoltura que lhe era própria.

— Estás hoje com uns ares muito ponderados: pareces-me a mestra geral, observou Joaninha.

A tal ideia Fortunata desatou a rir; mas quando o ataque de hilaridade lhe passou, confessou:

— E' que eu, *miss* Goldstone, vinha na ideia de lhe dizer muitas cousas. De longe tudo se me afigurava muito facil; agora que estou junto de si, não sei por onde hei de começar.

— Vejamos, eu te ajudo: fizeste algumas maldades?

— Muitas.

— Isso é mau. E estudas?

— Pouco: não gosto.

— Sê franca, que eu prometo remediar o que o puder ser.

— Não gosto das freiras, nem elas de mim. Criada ao ar livre, não me posso ver presa. Talvez estudasse noutra parte onde houvesse menos disciplina. Não é por mal, mas não se passa um dia em que eu não cometa cinco ou seis asneiras.

— Por exemplo?

— Esconder os livros ás pequenas, fazê-las cair,

roubar-lhes os bolos e comê-los: cousas sem importância, mas que as freiras levam muito a mal. O que mais enraivou a mestra geral foi ter deitado ao tanque da horta o modêlo de tôda a classe, a menina Erzilda, a mais premiáda e querida de tôdas as alunas.

— ; Mas para que fizeste tu isso?

— Ela estava-me a dar sentenças, chamou-me burra, e eu, para me desafrontar, como ela é baixinha, chamei-lhe pata marreca. Estávamos sentadas na borda do tanque. Ela disse-me: tu não podes provar que eu sou pata, e eu posso demonstrar que tu és burra.

— ; Não posso? Ora nada para aí: *as patas nadam*... e lancei-a ao tanque. Houve uma grande balbúrdia, fui castigada, e, no fim de tudo, isto não vale um caracol.

Fortunata era tão sincera na explicação e apreciação dos factos, que Joaninha desatou a rir. Apesar de protectora tinha poucos anos mais. A ideia da menina modêlo a nadar, sem saber, no tanque da horta, provocou-lhe uma tal vontade de rir, que as lágrimas caíam-lhe pelo rosto.

— Bem, não vale a pena affigires-te. No meio de tudo tens razão. Eu também, se me metessem num colégio, devia tornar-me involuntariamente o demónio daquela casa. E' que, como tu, fui criada em liberdade, Fortunata, e preciso tanto dela como do ar que respiro.

— Então a *miss* Goldstone não está zangada comigo?

— Pelo contrário, estou encantada. Ficarás comigo, mas hasde estudar, com vontade ou sem ela. Não admito a preguiça.

— E hoje volto para o convento? perguntou Fortunata a mêdo.

— Para que has de voltar, se não podes aturar as freiras? Ficas, mas diz-se ao Prior para escrever um bilhete á tua querida mestra geral.

— Ela vai ficar contentíssima: não me pode suportar.

Foram para o almôço. Na estada de tres meses no convento, Fortunata, que era esperta, adquirira na convivência das outras o hábito de falar num tom moderado, de ser sóbria de gestos, de se exprimir com clareza e elegância. Durante a refeição, encantada por não ter de voltar para o colégio, foi brilhante nas histórias que contou, fazendo rir todos com vontade.

Sir Albert, que era alegre, elogiou muito *esta boneca* e aconselhou a filha a mudar-lhe o nome.

— Fortunata é um nome muito feio, disse êle.

— Já lh'o teria mudado, se o não tomasse como um preságio de felicidade.

— Então calo-me: já aqui não está quem falou.

— Podia dar-lhe o nome de felicidade, sugeriu D. Benedita.

— Não quero, protestou altivamente a pequena, o meu nome é o mais bonito que ha.

— Nesse caso, conserva-o: não vale a pena contrariar-te. Agora vai pôr o chapéu para ires comigo á Casa Maternal visitar tua avó.



„Sir Albert acendeu um charuto...”

— ; Ela tem ainda muitas saudades minhas ?
 — E' natural, mas, como tem muito trabalho, não lhe sobra tempo para se entregar a desgostos. Vamos lá.

E as duas meninas saíram da sala correndo.

Sir Albert acendeu um charúto e debruçou-se na varanda.

D. Benedita foi buscar ao seu quarto os livrinhos de histórias que nessa tarde deviam ser oferecidos como prémios ás meninas mais velhas que se tivessem distinguido nos cuidados maternos que deviam prestar ás pequeninas de colo, e apressou-se a seguir *Miss* Goldstone que corria atravez das ruas da quinta, perseguida por Fortunata, que, apesar de lesta, não conseguia apanhar a ágil americana.

Finalmente desapareceram pelo portão da quinta, fechando-o após si com fragor.

Quando *Miss* Goldstone e Fortunata entraram no pavilhão, tôdas as crianças que estudavam ou brincavam sob as arvores da simpática instituição, correram ao seu encontro.

Joaninha e Fortunata baixaram-se para as beijar, e numa explosão de enternecido afeto, *Miss* Goldstone exclamou enquanto retribuía o abraço que uma gentil pequenina lhe dava :

— Meus queridos bonequinhos !

E abrangia num olhar húmido o grande número de crianças a que a sua protecção preparava um futuro melhor.

Nisto, tocou a sineta do lado da rua. Momentos depois entrou uma criada e disse :

— Manda dizer a sr.^a D. Benedita que está ali um senhor que deseja falar a *Miss* Goldstone.

— Mande dizer quem é.

— E' o senhor Carlos de Melo.

— Dize que entre para aqui.

Carlos de Melo era um dos mais distintos geó-



Trocaram-se cumprimentos...

grafos da nossa terra e travara conhecimento com Goldstone numa das suas viagens. Altamente simpático e instruído, deixara no espírito do americano a mais grata impressão e, quando *Sir Albert* veio estabelecer-se em Portugal, tornou-se íntimo da casa, interes-

sando-se em extremo pela obra da jovem *Miss* e dando-lhe o seu concurso nas palestras instrutivas que nas «Casas Maternais» se realisavam. As crianças ficavam-se embevecidas ouvindo-o expor-lhe as suas lições naquele tom atraente e encantador que tão bem lhe ficava e cativava os ouvintes.

A propósito da cousa mais simples o seu espírito começava percorrendo e agradando ao auditório, qualquer que fôsse o tema tratado.

Vamos conhecê-lo. Alto, trigueiro, com o cabelo ondedado, olhar escuro e inteligente, Carlos de Melo entrou sorridente no jardim, sendo jubilosamente recebido.

Trocaram-se cumprimentos e um momento depois Joaquina pedia-lhe:

— Conte-nos uma história.

— O que hade ser?

— Qualquer cousa a propósito das mulheres, disse Joaquina.

— Em sua defesa ou ataque? perguntou sorrindo o ilustre escritor.

— Em defesa, visto que as mulheres aqui são em maioria.

— Ou as crianças?

— As crianças do sexo feminino, nas quais, com muita honra me incluo, volveu *Miss* Goldstone. Era chamar-me criança que queria?

— Não, era saber qual das cousas preferia. E' de pequenas informações, como esta, que os psicólogos.

formam a sua opinião a respeito do carácter de alguém.

— ¿O que são psicólogos?

— São os homens que se dão ao estudo da alma e das suas faculdades.

— Bem: ¿então que nos diz a favor do nosso sexo?

— «Digo-lhes que já Platão, no livro V da sua República, defendera a mulher propondo-lhe direitos políticos e reconhecendo a sua igualdade mental e política ante o homem. Só isto enobrece por si o Platonismo a quem a Humanidade é aliás tributária da *concepção do ideal*; por isso mesmo que estava muito acima da sua época, caíu ante o escárneo geral sintetizado em 392 (antes de Cristo) na comédia «A Assembleia das Mulheres», em que Aristófanes pôz em scena a República do filósofo. A gargalhada matou o ideal; a troça embargou o progresso. E assim viemos até ao século 1.º antes de Cristo, quando Plutarco escreveu as *Acções virtuosas das mulheres* em defeza do belo sexo, não só descrevendo os feitos heroicos e os actos memoráveis dum grande número de mulheres de várias nações, mas também censurando os que quizeram privá-las dos justos elogios que lhes são devidos. Comproveu-se em aproximações. Disse êle; «Poderia fazer o paralelo de Anacreonte e de Safo, de Semíramis e de Sesostris, de Tanaquil e de Sérvio, de Bruto e de Pórcia. Os talentos e as virtudes são modificadas pelas circunstâncias

e pelas pessoas, mas no fundo é o mesmo; só há, por assim dizer, diversas a superfície e a côr. Este livro foi dedicado a Elêa, que alguns escritores consideram como filósofa.

«Plutarco estabeleceu a transição do mundo grego para o romano com os paralelos que fez. As romanas também não reagiram contra o seu lugar subalterno. Quem as glorificou e defendeu foram ainda e sempre os homens. Cáio Ápio, tribuno do povo, indignado contra o luxo escandaloso das mulheres, propoz e viu aprovada uma lei que lhes proibia a posse de mais de meia onça d'oiro e o uso de vestidos de muitas côres e de carruagem em Roma, a não ser para os sacrificios públicos. A lei, cumprida durante a 2.^a guerra púnica tornou-se odiosa ás mulheres logo que ela findou, de modo que em 195 antes de Cristo combinaram-se, juntaram-se e saíram á rua invadindo o *Forum* e os tribunais, em grita *contra a opressão*. Ca-tão, o antigo, subiu á tribuna e protestou contra a revolta do mulherio, dizendo que ela era mau sintoma e que o pudor tinha sido violado. O tribuno Valério levou, pelo contrário, o caso para a mangação, tratou-o pelo lado do ridículo e conseguiu pelo riso a revogação da lei.

«A primeira greve, ou revolta das mulheres, foi contra a supressão do luxo!

E, sem lhes querer fatigar mais tempo a atenção, Carlos de Melo terminou a sua interessante lição. Então Miss Goldstone observou:

— Não lhe parece, meu amigo, que não é muito louvável êsse acto feminino?

— Certamente que não demonstra muito bom senso nas senhoras daquela época.



...abraçando-a com a gentil familiaridade...

— E' preciso não ser mais benevolente com o nosso tempo. Eu quereria que a terça parte daquilo que uma mulher gasta em futilidades o empregasse em bem fazer, opinou Joaninha.

— Se todos tivessem êsse sã critério, as condições sociais melhorariam rapidamente. A beleza de

alma, minha querida Joanninha, não fenece nunca, enquanto que a do rosto morre em poucos anos. Cultivemos o que é eterno e não dêmos mais atenção ao transitório do que damos ás flores.

Evarista, a avó de Fortunata, veio neste momento agradecer a Joanninha a complacência com que atendera aos desejos de sua neta, e a bôa menina, abraçando-a com a gentil familiaridade com que tratava tôda a gente, volveu-lhe:

— Minha cara amiga, não tem nada que me agradecer: quem se propõe fazer uma cousa deve fazê-la bem, para não desmerecer aos próprios olhos: Fortunata tem que corresponder com os seus actos ao esforço que eu emprego para lhe ser agradável.

— Ai! eu não sei se ela saberá dar valor a tão grande esmola...

Joanninha atalhou:

— Não ha esmola neste ponto; ha fraternidade como eu a compreendo e pratico. Mudemos de assunto: ; Como vai a Mariquinhas?

Era uma pequenina que tivera uma interite por ignorância da mãe, e que estava entregue na Creche aos bons cuidados de D. Benedita.

— Já vai melhorsinha: ; A *miss* quer vê-la?

— Decerto, vamos lá.

Finda a visita, *Miss* Goldstone retirou-se com o seu visitante, Fortunata e a velha Clarke que se lhes viera juntar.

Então Joanninha deixou o illustre escritor conver-

sar com a sua inteligente e erudita perceptora e deitou a correr atravez dos campos verdejantes, onde os malmequeres, as papoilas, e as primaveras começavam a aparecer. Fizeram lindos ramos, enfeitaram os chapéus e chegaram a casa contentes e satisfeitas com vontade ao jantar.

Quando a gente se ocupa de manhã á noite, o tempo passa depressa. A preguiça, disse um homem de talento, esconde sempre a desordem do espírito ou do coração. Em casa de *Sir Albert Goldstone* a preguiça era a única coisa que o bom americano proibia severamente. As suas ordens eram sempre acatadas á risca porque êle era a indulgência personalisada e todos se empenhavam em o satisfazer cabalmente.

O padre Cosme foi encarregado durante a refeição, a que assistiu, de ir ao convento das Doroteas dar as razões de Fortunata o deixar.

Não ficou contente o prior, mas, vendo que os seus protestos seriam inúteis, resolveu calar-se, que é também um modo de exprimir reprovação.

Fortunata tinha um génio alegre e uma bonita voz que no colégio tinha sido aproveitada nos cânticos religiosos, nas freqüentes festividades que ali se realisavam.

Quando andava na aldeia aprendera os cantos populares. Durante o jantar a conversa recaíra na belleza das nossas canções populares; o escritor e o padre entusiasmaram-se patrioticamente, louvando-as, e Fortunata prontificou-se a cantar não só as da terra

como aquelas que aprendera no colégio com outras meninas.

D. Benedita que sabia música, prontificou-se a acompanhá-la ao piano e Fortunata cantou num conhecido estilo então em voga :



D. Benedita que sabia música..

Quando no prado a florinha
Encanta a vista da gente,
E' Primavera, a rainha,
Que anuncia o tempo quente.

Primavera, mãe do pobre,
Alegria das crianças,
Tens um coração tão nobre
Que em tudo semeias espr'anças.

Primavera, tudo alentas,
Dás alegria e vigor.
As almas tornam-se atentas
A's lições do Criador.

Primavera, Primavera!
Devias sempre durar.
O' Primavera, eu quizera
Que não tivesses findar.

Tu que és dos pobres a mãe,
Dos tristes contentamento,
Acompanha-me também,
Sorri-me a todo o momento.

Sê no meu espírito eterna,
Ri sempre em meu coração.
Serei meiga, doce e terna,
Só por simples reflexão.

As cantigas sucederam-se umas ás outras, e *Miss Goldstone*, entusiasmada, tambem quiz cantar; mas não sabia cousa alguma em portugûês, e deliberou fazer-se ouvir na sua ingrata língua.

Só quem tem tido a desconsolção de ouvir a savoria das canções inglesas é que pode dar valor ao que é escutá-las depois das nossas.

Apesar de muito aplaudida, Joanhinha que era do-tada de grande argúcia, sentiu-o, e ela própria pediu a *Fortunata* que cantasse outra vez.

Ela cedeu gostosamente, mas fez com que a sua protectora repetisse ainda uns feios versos, certa de

que aos seus ouvidos de americana êles não seriam
tão desagradáveis :

Ei-los traduzidos :

Có-có-ró-có canta o galo,
Cá-cá-rá-cá, a galinha.
Eu, mulher, bem alto falo ;
Tu tens uma voz mansinha.

És um homem ? Não pareces . . .
Eu sou mulher. — Quem o diz ?
Mas se de fingir te esqueces,
Mudas-me á vida o cariz.

Có-có-ró-có ! Cá-cá-rá-cá !
Qual de nós dois mais cantará ?

Depois cantou Fortunata

A noite é de lua cheia
E olha já de alto o luar.
Raparigas cá da aldeia
Toca a rir, toca a folgar.

E' meu par o mais janota
Que existe neste serão.
Ou não fôsse eu a Carlota
E não fôsse êle o Simão.

Correndo atraz do desejo,
Nunca pude ser feliz.
Fingindo que te não vejo,
É Verás quem nada te diz ?

A' tua porta bati.
Achei-a sempre fechada.
Assim que á minha te vi
Apresei-me a dar-te entrada.

Tu quizeste molestar-me
¿ E que lograste fazer ?
Que outras digam que invejar-me
É teu maior padecer.

És branca como o jasmim,
O' linda Rosa do Vale.
Eu sou trigueiro, ai de mim!
¿ Qual de nós é que mais vale ?

¿ Perguntas por que me caso
Com mulher sem formosura ?
É que eu nunca faço caso
Da beleza que não dura.

Luiza é feia de cara,
Mas tem lindo o coração.
Prefiro essa joia rara
A um rosto de perfeição.

Toda a beleza se esvai,
Quer na mulher, quer na flor ;
Mas é nódoa que não sai
Maldade, seja em quem for.

Assim também, a bondade,
Se existiu, não mais se apaga.
É mais bela que a verdade,
Não tem durezas de fraga.

Se deixas a nossa terra
E te confias do mar,
Mais valera que na guerra
Findasses a batalhar.

Pois quem pela Pátria morre
Fica eterno na memória
Emquanto a nação durar;
E quem sôbre as ondas corre,
Se elas o tragam, na História
Nem deixa o nome ficar!

A velada prolongou-se até tarde com desprazer de *Miss Clarke* que era de opinião que todos se deviam deitar cedo, mas que, apesar de a deixarem livre de executar a sua vontade, foi ficando, e, como gostava de música, tentava depois lembrar as quadras ouvidas; mas, como sabia mal o português, estropiava-as de tal maneira, que provocava a hilaridade de todos.

*

Chegou o verão, passou o mês de setembro, e nos primeiros dias de outubro o padre Cosme entrou em casa de *Sir Albert*, verdadeiramente apreensivo.— «Está triste, senhor prior? perguntou-lhe afavelmente o amável americano.
— E muito preocupado.

— ; Posso ser-lhe útil em qualquer cousa ?

— Não sei, meu amigo, não posso prever. . .

E confidencialmente contou-lhe que tinha ido á cidade.

— Está tudo mau; muito mau, desde a morte do rei as cousas têm mudado extraordinariamente. No primeiro tempo a revolta natural contra os infames processos de assassinato acalmaram os ânimos; a piedade pelo rei, uma criança que ascendia ao trono em tão trágicas condições, tornou de cera as vontades; mas o nosso povo é orgulhoso e sentimental. Se o seu coração se abriu generosamente á criança, fechou-se dolorido logo que a desconfiança dela se manifestou nas pequenas cousas. « ; Então todos nós somos Buiças ? » Esta frase em que se manifestava vivamente o coração ferido, á medida que era repetida, fez crescer a animosidade já existente do povo contra a rainha. Esta senhora, por perfeita e boa que fôsse, podia ser adulada pela côrte, mas nunca poderia ser aceite pelo povo para o qual a rainha mãe foi sempre a *única, a verdadeira* rainha.

D. Maria Pia de Saboia, além do prestígio de ser filha de Victor Manoel, soubera desde que puzera os pés em Portugal, captar a estima, admiração e respeito do povo. Os portuguezes de então e muitos de hoje ainda, tinham vaidade na sua rainha, vaidade que se tornou idolatria. Os próprios republicanos abstrairam da sua alta posição social e deixaram-se

fascinar pelo encanto imperial dessa mulher fadada para reinar.

Era com orgulho que se dizia :

D. Maria Pia é a mais magestosa figura de mulher que existe na Europa inteira.

Emfim, D. Maria Pia entrou na alma popular e estabeleceu nela o seu sólio. Ninguém lhe queria ver defeitos, bem que os tivesse, e grandes, não sendo um dos menores ser perdulária ; mas todos lhe anunciavam virtudes gostando de lhe chamar «O anjo da caridade». Se algum, menos cego, se atrevia a censurar as despezas da rainha, acudiam todos em côro :

— Deixá-la . . . sabe gastar. E' rainha em tudo . . . para onde vai, honra o país : nenhuma é mais gentil.

D. Amélia encontrou o lugar tomado e, no espírito de todos, a comparação instintiva que lhe não era favorável. Só os seus privados ou aqueles que ela distinguia afagando-lhes a vaidade, a preferiam á rainha mãe.

Hoje, essa brilhante mulher, honra e orgulho da nação, está louca, e rega com um pequeno regador as flores do tapete duma sala do palácio de Cintra. Tôda a gente sabe isto e ninguém o repete : todos, amando-a, desejam conservar-lhe ainda o antigo prestígio. Pobre rainha, Infeliz mãe ! Se ela tivesse a sua razão, poderia velar pelo trono de Portugal. Assim, não sei . . . correm boatos muito tristes . . . tétricos mesmo . . . fala-se em revolução.

— Crê nisso, Reverendo ?

— Eu não creio, nem deixo de crer... receio...
Contou-me alguém afecto ao António José de Almeida...

A conversa prolongou-se, e em resultado dela, Sir



...e ficou tão inteiramente diferente...

Albert Goldstone prometeu informar-se do que havia, no empenho de socegar o padre Cosme; mas uma manhã, sem que á aldeia tivesse chegado o som dum tiro, constou ali que a república tinha sido implantada em Lisboa e, momentos depois, chegavam á quin-

ta um padre jesuita acompanhando os educandos e pedindo abrigo, assim como duas irmãs Dorotéas e as meninas.

Contavam, com côres trágicas, as scenas por que haviam passado e, descansadas por se verem ao abrigo da bandeira americana, tentaram vários disfarces para saírem incólumes de Portugal.

As irmãs, que pertenciam a duas famílias illustres da aristocracia e eram novas e gentis, vestiram de novo os trajes mundanos que tão graciosamente lhes ficavam, e o padre, pondo uma barba loira postiça, que *sir* Albert veio de propósito á cidade arranjar, vestiu-se com um óptimo fato do seu hospedeiro, que tinha a mesma estatura, poz óculos, e ficou tão inteiramente diferente do que era, que os seus antigos alunos, quando, no dia seguinte, o viram entrar na casa de jantar, não o conheceram.

O americano, que era a própria caridade, abrigou alguns padres fugidos de vários pontos do país, e foi assim que ouviu curiosas coisas. O assunto de tôdas as horas era aquele, tanto mais que não havia revolta nenhuma ha muitos anos, e as populações da cidade e dos campos [estavam habituadas a viver na mais perfeita paz.

Um foragido, vindo de Setubal, mas que não era padre, contou o seguinte, que foi ouvido por todos num religioso silêncio:

— Ha meses que eu tinha sido convidado a ir passar uns dias a uma linda quinta que fica num

monte fronteiro a Brancanes. O desejo de reproduzir na tela as belezas que o panorama dali me oferecia, tentava-me ha muito. Em frente da casa ha um longo terrado ajardinado onde altas alfarrobeiras e várias outras árvores prestam generosa sombra, sem ofuscar os encantos da paisagem aos olhos dos que ali passeiam. Dum lado vê-se ao longe a cidade estendendo caprichosa a alva casaria pela beira do Sado, cujo azul das águas reflete os encantos do céu; e do outro, tendo por fundo verdejantes e copados pomares, que são a belesa e orgulho da terra, vê-se o perfil melancólico do convento de Brancanes assentando sob o escuro dos altos pinheirais, e mais além o Castelo de S. Filipe. Para outra banda pequenos casalitos perdidos entre hortas, fraguados e verduras, e, lá muito ao longe, o Castelo de Palmela dominando tudo.

Este espectáculo tentava-me o pincel e resolvi ir ali. Quando entrei na estação do Sul e Sueste, comprei na pequena tenda de bolos e de tabaco que ali ha, um maço de cigarros. O homem, meu antigo conhecido, perguntou-me:

— ; Sai de Lisboa, senhor?

— Sim, meu amigo; vou a Setubal reproduzir na tela alguns encantadores trechos de paisagens.

— ; Não vá, senhor.

E aproximando os lábios do meu ouvido, murmurou:

— A'manhã ou depois rebenta a revolução repu-

blicana... em Setubal deve ser terrível. Aquela gente das fábricas é péssima.

«Sem acreditar absolutamente nada do que me diziam, embarquei.

«Durante a travessia do Tejo notei que em quasi todos os grupos não se falava senão da greve dos corticeiros.

«Quem vive para a arte e pela arte pouco ou nada se interessa geralmente com questiúnculas políticas. Enlevado nos meus planos artísticos, não prestei atenção à conversa dos que me rodeavam.

«Estava eu ha dois dias em casa dos meus amáveis hospedeiros quando se partiu não sei que peça do moinho hidráulico que abastecia de agua a propriedade. Foi o caseiro à cidade buscar um operário que o compuzesse, e êste declarou perentoriamente que só poderia trabalhar de manhã porque de tarde havia a revolução: podia contudo vir concluir a obra no dia seguinte.

«A dona da casa desatou a rir incrêdula, e eu acompanhei a de bôa vontade, tão disparatada me parecia a noticia, dada daquela forma.

« — Os senhores riem-se? volveu o operário; pois olhem que fazem mal. A esta hora já o rei e a rainha estão presos em Lisboa e metidos a bordo dum navio de guerra.

« — Será verdade? perguntávamos quando êle safu, sem o podermos crer.

« — Não é; com certeza não é, dizia a dona da

casa, sem outro motivo para essa convicção senão o que lhe proporcionava o desejo.

«O operário veio com efeito arranjar o moinho ; mas antes da hora de ser costume largar o trabalho, despediu-se.

« — ; Então o moinho ficou pronto ?

« — Ainda não, minha senhora ; mas eu logo lhe disse que á tarde não podia ser. . . temos revolução.

E saiu depois de dar as boas tardes e assegurar que voltaria no dia seguinte, se não morresse na refrega da noite.

«Olhamo-nos todos admirados ante a franca singeleza da declaração. A vontade de rir desaparecera.

«Era dia de S. Francisco. Havia festa em várias igrejas da cidade, mas no convento de Brancanes a festa era maior, porque aquela casa religiosa pertencia á Ordem Franciscana.

Os sinos tinham repicado todo o dia festivamente e, terminadas as cerimónias do culto, os frades dirigiram-se ao refeitório para onde alguns convivas illustres do sexo masculino tinham recebido convite. Nós fomos também jantar.

«Quando terminamos, dirigimo-nos ao terrado, de que já falei, e um clarão de fogo, vindo do lado da cidade, impressionou-nos desagradavelmente. Apresando o passo aproximamo-nos do muro e vimos, com sobresalto, dois enormes incêndios na cidade. O palacio do Govêrno Civil, onde também estava instalada a Casa da Câmara e a cadeia, e o bonito con-

vento de Jesus, residência dos padres jesuitas, eram duas enormes fogueiras. A noite estava extremamente serena.



Os sinos do convento tocavam a rebate

«O ceu, oculto por espesso manto vermelho, dava-nos da cidade uma impressão do inferno, ou, melhor, era em miniatura o incêndio de Roma. Crescia a todo o instante o alarido, as vozes humanas em

aflição tinham o rumor triste e maguado das vagas quando o vento as não deixa em socêgo. Indômitas e sinistras, as labaredas alastravam sempre. Num baixo da Casa da Câmara, havia guardadas umas barricas com gorduras, e era curioso vê-las erguerem-se no ar em bolas luminosas.

«O clamor continuava sempre e cada vez mais perto. As janelas do convento de Brancanes, ainda há pouco iluminadas, apagaram-se como por encanto, e tudo pareceu dormir. Alguns instantes depois, um *landau* subia lentamente o monte com as lanternas apagadas, mas, apesar das precauções tomadas, era bem visível aos clarões do incêndio da cidade.

« — Algumas boas almas que vão talvez oferecer socorro e agasalho aos pobres padres, — aventou uma das senhoras presentes.

« — E' possível.

Que longe estávamos da verdade!

A carruagem levava o petróleo destinado a fazer arder mais rapidamente o vasto casarão.

«Momentos depois éramos nós que tomávamos o cuidado de fazer apagar tôdas as luzes em casa da nossa hospedeira. Os sinos do convento tocavam a rebate, ouviam-se gritos de socorro e dentro em pouco o esplêndido edificio ardia pelos quatro cantos. Estabeleceu-se um rápido tiroteio e á luz do incêndio assistimos a scenas verdadeiramente selvagens. Fogue-me a palavra, não posso descrevê-las diante de crianças; direi apenas, para dar uma pálida ideia do que

presenciei, que vi esquartejar vivo um boi que pertencia aos frades.

«Recolhemos a casa horrorizados e trancaram-se tôdas as portas.

«Nas grandes crises sociais, as diferenças e preconceitos de classe desaparecem. Patrões, hóspedes, criados, todos estavam reunidos na mesma sala. Todos silenciosos, até as crianças que tinham os olhos húmidos de comoção, escutavam atentamente os rumores que vinham do exterior. Pareceu-me ouvir a areia do jardim estalar sob uns passos dados a furto. Não fui eu só que os ouvi. Uma das senhoras, a meu lado, murmurou a medo:

« — Não sente ?

« — Não, minha senhora, não ouvi nada, respondi no empenho de a socegar.

«Baldado esforço! tres fortes pancadas na porta causaram nas pessoas presentes estranha impressão. Os que estavam sentados levantaram-se como impedidos por uma mola. A palidez de todos os rostos era cadavérica.

«A dona da casa, achando inoportuno responder, levou um dedo aos lábios recomendando silêncio a todos os presentes. Não me conformei. Percebi nesse instante que a porta seria metida dentro logo que tivessem a convicção de que estávamos sucumbidos.

« — Quem bate ? perguntei, dando á voz firmeza e serenidade.

« — Queremos falar ao caseiro.

« — Não está cá; foi para Azeitão.

« — Nesse caso, queremos falar á patrôa.

« — Está doente.

« — Então a quem faça as suas vezes.

« — Lá vou.

«E subindo a escada para o andar nobre, disse a um rapaz amigo que ali estava :

« — Se eu cair morto, lembro-lhe que procure salvar a criança mais pequena e leve-a a Lisboa ao pai. Creio que estamos no princípio dum terrível drama.

«Abrí a janela dum gabinete de estudo e perguntei para baixo :

« — ¿Que querem os senhores?

« — Somos padres e vimos fugidos. Pedimos abrigo.

«A razão, sempre clara em mim em ocasiões de perigo, mostrou-me claramente que mentiam. Os padres de Brancanes eram visitas da casa, sabiam o nome de tôdas as senhoras, não era natural que perguntassem primeiro pelo caseiro e depois pela patrôa. As vozes eram rudes, avinhadas, os trajos traíam-os: eram homens do povo disfarçados, querendo ver a nossa attitude.

« — Não podemos recebê-los. Temos ordem da República para não deixar entrar aqui ninguém estranho.

« — Mas eu sou a dona da casa não posso consentir que esta pobre gente. . .

« — Minha senhora, nesta ocasião não há prero-

gativas nem propriedades; existe apenas o direito da fôrça. Não consinto que êsses homens entrem aqui. Essa piedade doentia seria a perda de todos nós e, o que é mais grave, destas crianças. O primeiro que entrar sou eu que lhe dou um tiro.



...mulheres e homens empenhados no saque...

«Contudo, no receio de me enganar, disse para fora:

«— Se realmente os senhores são padres, vão pelo lado de traz que eu falo-lhes de outra janela.

«Apiedadas, as senhoras diziam-me:

«— Coitadinhos! Devemos valer-lhes.

« — É uma obra de caridade.

— Não, minhas senhoras, cá não entram.

«E abrindo outra janela que deitava para as tra-
zeiras, disse-lhes baixando a voz :

« — Ha aí uns corredores subterrâneos na quinta,
logo adiante das capoeiras ; podem, se veem cansados,
servir-lhes de abrigo durante algumas horas, mas não
é prudente ficar lá depois de romper o dia.

«E desejando-lhes bôa noite e felicidade, fechei a
janela sob uma chuva de censuras não só das senho-
ras presentes, mas até das crianças.

«Rompeu finalmente o dia e sai em direcção á ci-
dade. Durante o caminho, mulheres e homens, empe-
nhados no saque, lembravam as carreiras de formigas
andando em sentido inverso umas das outras, carrega-
das ou para se carregarem de objetos roubados.
Só passados dois dias, depois de infinitas peripécias,
consegui chegar aqui. Mas a memória dessas horas
amargas, nunca, oh ! nunca mais a poderei esquecer.

Miss Goldstone ouvia aterrorisada. Quando o seu
hóspede acabou de falar, pediu ao pai :

— Logo que sem perigo possamos sair de Portu-
gal, vamo-nos embora para a América, sim ?

— E os teus bonecos ?

— Ficam a cargo de D. Benedita e do senhor
prior. Mas os que quiserem ir connosco, levamo-los.

Julgou o americano que a filha desistisse e que
êste desejo fôsse nascido duma forte impressão ner-

vosa produzida pelas várias narrações dos seus hóspedes.

Não foi assim. Estava empenhado em fazê-la ficar em Portugal, mas teve de ceder e, pelo menos, deixá-la ir para Tui até esquecer a revolução, por êle ter neste momento questões sérias a tratar em Portugal e fazer-lhe muito transtôrno ausentar-se para longe.

O padre Cosme, secularizado, deixou a paróquia e ficou como administrador do americano, tendo a faculdade de dizer as missas que quisesse, e D. Benedita e êle permaneceram em Portugal com *Sir* Albert. *Miss* Clarke, Joaquina, e os seus bonecos foram para Tui, depois para Madrid e mais tarde para Barcelona. Quem ganhou nestas mudanças foram os protegidos de *Miss* Goldstone. Fortunata era evidentemente a valida da joven americana; mas essa preferência era tão discreta, que não melindrava ninguém.

*

* *

Passaram anos. Estamos em 1919, e todos os bonecos de *Miss* Goldstone são felizes.

Ernesto concluiu o seu curso de engenharia e casou com Fortunata. Estabeleceram residência em Barcelona e vivem com tôdas as comodidades e elegâncias do confôrto moderno.

Jaime dedicou-se á agronomia e, tendo-lhe Joaquina oferecido uma quinta com casa de habitação,

para ali foi viver com sua mãe e irmã, que está para casar com Macário.

Hortense e Maria dedicaram-se á música e foram elas afinal e não Ernesto que seguiram a divina arte do belo canto na qual contam já vários e ruidosos triunfos, colhidos na sua primeira *tournee* através da Europa.

Leonor entregou-se á literatura e em pouco tempotinha feito o seu nome, indo residir para o Brasil, depois de ter casado com Samuel que se tornou em pouco tempo um pintor notavel. Ninguém no seu meio, estranhou aquele casamento porque ninguém via nele o aleijado, mas a alma pura, bela, e o talento superior.

Joana foi para Paris onde se dedicou á carreira dramática, e Lúcia, não querendo casar nem seguir profissão alguma, foi a única que ficou junto de *Miss* Goldstone e voltou com ela a Portugal em janeiro de 1919.

A velha Clarke, muito doente de reumatismo e carregada de anos, ficara em Barcelona em casa de Ernesto e de Fortunata, que lhe queriam como se ela fôsse sua mãe.

Lúcia tomou naturalmente o lugar de dama de companhia da sua protectora que nunca deixou de lhe chamar *my does* como fizera sempre por ela ser a mais pequenina e engraçada de tôdas.

Na estação eram esperadas pelo velho americano, o padre Cosme que, apesar de tudo, não saíra de

Portugal, e por D. Benedita e seus filhos. ¿Quem diria vendo na estação do Rocio aquela senhora magnificamente vestida, acompanhada por dois jovens elegantes, que era a pobre que o padre Cosme, catorze anos antes, acompanhara com a sua recomendação á quinta das Oliveiras? Agora apareciam-lhe amigas e conhecidas. E muitas que deixaram de lhe falar no agudo período de miséria em que Joanhina lhe acudiria, apressavam-se a procurar as suas relações, porque as salas da quinta das Mouras eram das mais bem freqüentadas dos arredores de Lisboa.

Macário, o seu futuro genro, adquirira imensa importância na praça de Lisboa por ser o empregado mais graduado da casa Goldstone e saber-se que, como presente do seu próximo casamento com Margarida, o milionário o fizera sócio da sua casa comercial.

Chegou enfim o comboio á estação e quasi simultaneamente o Macário.

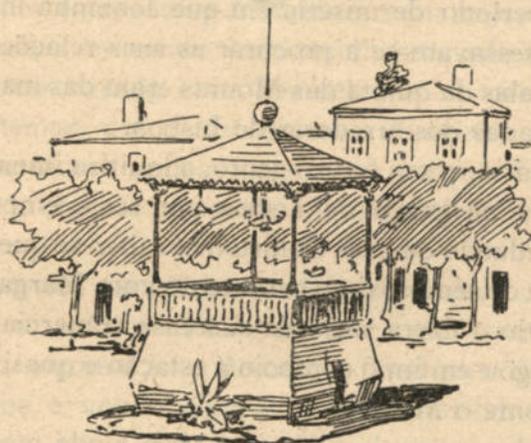
As duas raparigas, com o trem ainda mal parado, saltaram agilmente em terra e abraçaram calorosamente os amigos, depois de terem beijado efusivamente o velho *gentleman*.

Dirigiram-se nos esplêndidos automóveis de Sir Albert para a quinta das Oliveiras. No primeiro, tomou lugar o velho americano, Joanhina, Margarida e o padre Cosme; no segundo, o resto dos amigos. Um magnífico lanche esperava os viajantes, mas depois dele uma agradável surpresa estava reservada a *miss* Goldstone por seu carinhoso pai.

— ¿Estás fatigada? Queres repousar um pouco?

O padre apressou-se a fazer um imperceptível sinal a Joanhina e esta declarou não sentir a mínima fadiga. Então o americano ofereceu o braço á filha e o padre Cosme caminhou a seu lado.

— ¿Onde vamos?



Um lindo coreto

— A' aldeia.

— ¿Fizeste arranjar a estrada? perguntou Joanhina notando logo a melhoria.

— E mais algumas cousas.

— Esta idea de ladear a estrada por árvores já adultas foi bonita...

— Creio que em muito mais merecerei a tua aprovação.

Assim que voltaram a curva da estrada, Miss Goldstone soltou uma sentida exclamação de alegria que fez subir um rubor de júbilo ás faces do seu velho pai. Parecia que a vara encantada duma bôa fada operara a magnífica transformação. A aldeia era constituida por uma grande praça com bancos, árvores e tendo ao meio um lindo coreto para a música, em volta dela, sempre formando mais vasto quadrado, havia umas ordens de esplêndidas ruas bordadas de arvoredo e de casas uniformes, tendo tôdas á frente um pequenino jardim e para traz a horta. Um lado dêste quadrilátero pegava com a residência do pároco, que era habitada de novo pelo padre Cosme, e «A casa maternal», agora muito mais aperfeiçoada ocupava ainda o antigo recinto.

Do lado oposto tinha sido derrubado o muro dumas terras conhecidas pelo nome de «Hortas do Manuel da Enxó» e um modesto, mas bem cuidado balneário fôra edificado.

O feio nome que a terra tivera até então, fôra substituido pelo título, talvez um pouco romantico, mas belo, de «Aldeia de mil flores».

Logo á entrada do povoado um elegante *chalet*, diferente das outras habitações, que tinham o cunho absolutamente nacional, ostentava uma taboleta onde se lia: «Vila Goldstone».

— Este, explicava o americano á filha, é o estrangeiro em terra alheia: representa-te a ti em Portugal.

Subia-se uma elegante escada externa, duns seis degraus e entrava-se numa pequena sala de espera, rodiada de tres portas. Sôbre a do fundo lia-se: «Procuradoria do Povo»; na da direita: «Caixa Económica» e na da esquerda: «Associação Mutualista de Mil Flôres».

No andar superior, constituido por uma ampla sala com um palcozinho ao fundo, era o «Recreio de Inverno».

O americano empenhado em mostrar á filha, quando ela voltasse, que a não esquecera um momento, puzera todo o seu cuidado em tornar modelar aquela aldeia. No estranho portugûês que falava, explicara em sucessivas conferências áqueles homens rudes, mas bons, como obtivera a sua fortuna e á custa de que tenaz vontade e fundos sacrificios conseguira o lugar brilhante que ocupava na sociedade.

— Todo o homem válido que tem dois braços, inteligência e tenacidade, pode mudar as condições da vida para melhor.

«A missão do homem rico, quando é inteligente, é fazer julgar pelos outros que a sua fortuna não podia cair em melhores mãos e, tirando dela tôdas as regalias e bem estar, não se esquecer de o proporcionar aos outros na medida dos seus rendimentos, não os humilhando com esmolos, mas tornando-os criaturas aptas para a luta pela vida e dignificando-as aos seus próprios olhos.

Comprou e distribuiu pelos que sabiam ler um bom

número de exemplares de «O Tabaco e o Alcool» valioso estudo do Dr. Armelim J.^{or}. Ele mesmo, nos serões que, na ausência da filha, dava no Recreio de Inverno, dizia-lhes :

—Eu não quero que a minha filha vos encontre só materialmente melhorados; desejo, e muito, que moral e intelectualmente vós não sejaes os mesmos.

E lia-lhes trechos deste famoso livro, fazendo-lhes comentários e apreciações. Assim, numa noite, abriu a página 46, e leu :

«E' preciso educar as crianças, desde a mais tenra idade, em idéas de dignidade sem soberba, de altivez sem orgulho, de independência sem rebelião; e em sentimentos de afabilidade sem esforço, de benevolência sem affectação de cortezia sem baixeza. Para tudo isto, há mister ir-lhes esclarecendo a pouco e pouco, as pequeninas inteligências, fortalecendo-lhes as ainda débeis vontades.

«Ha mister sobretudo não lançar mão dos castigos corporais, nem ainda prometê-los que seja.

.....
«Tem-se notado que a criança que leva a miudo pancadas, torna-se *malhadiça*, isto é, acostuma-se a leva-las e leva-as sem emenda. Daqui conclui-se que a criança *malhadiça* é duma natureza perversa e incorregível.

«E porque não será essa perversão e essa incorregibilidade o resultado fatal de tornarem *malhadiça* a criança.

E assim, educando, nas conferências e leituras, os pais, e na escola e na «Casa Maternal» os filhos, *sir* Albert ia tornando modelar o povo da aldeia. Ali não havia uma taverna, mas uma pequena venda de leite e cevada quente, que, pelo exemplo que *sir* Albert lhes dava, eles acabaram por apreciar. Alguns deixaram de fumar e outros fumavam pouco.

Vendo que o jôgo grassava na cidade e não querendo os seus camponeses prejudicados pelo horrível vício, que todos os outros arrasta, *sir* Albert instituiu na locanda o jôgo dos pobres. Não era permitido a ninguém jogar mais do que cinquenta réis diários com que entrava no primeiro jôgo e a locanda fornecia o capital que se jogava: êsse capital era passado figuradamente para o nome do que ganhava, sendo êsse nome inscrito até nova vitria de outro no quadro de maior beneficente da «Caixa Económica». Assim, o povo divertia-se, ria, gargalhava, e aproveitava o que perdia, visto que revertia a favor da colectividade.

Tôdas as ruas e casas da aldeia eram iluminadas a luz elêctrica por meio duma instalação hidráulica, aproveitada dumas quedas de água visinhas, e a fílarmonica da terra, que *sir* Albert Goldstone presenteara com simples mas elegantes fardamentos, tocava muito rasoavelmente sob a regência do ferrador.

Os anos que Joaninha estivera ausente, tinham sido bem aproveitados, e o pai apresentava-lhe pelos seus nomes gente educada, lavada, penteada, sabendo usar

de tudo sem abusar nada. *Miss Goldstone* estava verdadeiramente maravilhada.

— Que transformação! exclamava ela com os olhos húmidos, apertando reconhecida essas pequeninas e alvas mãos, as mãos calosas dos trabalhadores.

— E' um santo o seu pai, *miss*: devemos-lhe tudo. Se em Portugal houvesse dez homens como êle!...

Contentemo-nos de que a Mil Flôres não chegam senão um eco das desgraças que por aí vão.

Entrando na escola, que ficava muito perto da «Casa Maternal», Joaquinha ficou agradavelmente surpreendida ouvindo as vozes frescas das crianças cantar uma

ESTUDANTINA

Neste mez de Janeiro, frio, frio,
Como as neves e gelos lá do norte,
Nós sentimos saudade dêsse estio
Que lembra a vida a renascer da morte.

Esta neblina que da terra sai
E se condensa antes de nos deixar,
Parece a ideia que, na mente, vai
Tudo abrangendo antes da luz chegar.

Saber! saber! se nunca toma espaço,
¿ Como é que expulsa a escuridão de nós?
¿ Como é que torna uma palavra de aço
E entorna mel na mais ingrata voz?

Saber! saber! é tua a eternidade!
Baixas ás almas num olhar de Deus!
E's feito de justiça e de piedade!
Fazes que a terra compreenda os ceus!

E's tu a grande aspiração do espirito,
A que, no mundo, mais ventura dá.
E's como o som duma celeste música.
Arroubo de alma em que só gozos há.

Joaninha perguntou se os versos eram composição do padre Cosme, assim como a música entoada na Casa Maternal. Em parte alguma, uma lisonja ou um louvor chegou aos ouvidos de *miss* Goldstone; mas o olhar de calorosa ternura com que todos a envolviam dava-lhe bem a medida da gratidão do povo.

Era quasi noite quando a família Goldstone regressou á quinta das Oliveiras. Várias cousas prenderam a atenção de Joaninha e lhe provocaram comentários.

Tôdas as ruas tinham nomes de homens ou mulheres portuguesas e, sob o dístico, vários e judiciosos conceitos, como por exemplo:

Sê severo para tí, indulgente para os outros.

Quem faz bem nunca se arrepende.

Conter palavras imprudentes é sabedoria.

Achou também infinita graça a um camponez que ela conhecera abusando extraordinariamente do café, dizer-lhe:

— Não, que Balzac morreu aos 51 anos por ter abusado dessa bebida.

Era um dos que lera o livro do Dr. Armelim.

— Como vê, dizia-lhe cheio de alegria *Sir* Albert, com os teus bonecos puzeste-me num trilho novo de que tirei, e tiro, grande satisfação.

« Parece incrível como eu pude viver tantos anos privando-me de tão grandes gozos. Quem pratica e procura desenvolver bem, nunca se arrepende.

— Tu, meu querido pai, conseguiste neste canto de terra a aliança do capital e do trabalho.

— O que prova que ela se poderia obter em tôda a parte se houvesse consciências bem formadas. As culpas não são do povo, são daqueles que, achando tudo pouco para si, quanto mais têm mais querem, em vez de pensarem que ao seu próprio bem estar não é indiferente o bem estar alheio.

Miss Goldstone sentia-se cansada das emoções do dia. Recolheu ao seu quarto onde se entregou a um sono reparador.

No dia seguinte, logo de manhã, mandou dizer ao pai que desejava falar-lhe logo que a pudesse receber.

Sir Goldstone pediu-lhe que descesse imediatamente.

Assim que trocaram affectuosas saudações, Joaniha começou a dizer com certo embaraço.

— Desejava casar-me, meu pai.

— Tu! E com quem?

— Com o filho do seu amigo Hardisson: é americano como eu.

— Está bem; quanto a isso não há dúvida. Mas estando êle há tanto tempo em Hespanha ; quererá



chamar a filha ao seu escritório

vir fixar residência em Portugal? Eu estou muito velho, filha, e confesso-te que me seria sumamente desagradável passar o resto dos meus dias longe de ti.

— Não admite dúvida. Mas o meu pai é quem melhor pode saber isso, escrevendo ao pai dele e tratando o assunto comercialmente.

— ¿Então tu não tens falado com o rapaz, não sabes o seu modo de pensar? . . .

— Nem sei se êle quer casar comigo. Agrada-me. Colhi informações a seu respeito, todos me deram as melhores. Ele nunca pensou, creio, em casar com a filha dum milionário; eu também, sem saber o que o pai pensava da minha inclinação por êste rapaz, não quiz deixá-la adiantar sem lhe falar francamente.

— Tens um leal carácter e és uma bôa filha. Eu tratarei do assunto: fica descansada.

Rialmente tratou.

Dias depois, uma carta registada, vinda de Barcelona, chegava á quinta das Oliveiras e Sir Albert mandava chamar imediatamente a filha ao seu escritório.

— E' negócio concluído, minha pequena, disse-lhe êle sorridente, serás *mistress* Hardisson. O casamento realisar-se-ha em Lisboa e virão residir aqui, passando dois ou tres meses do ano em Barcelona, porque Harry também não quer privar-se inteiramente do seu filho.

— E' justo, não te parece?

Miss Goldstone abraçou o pai com transporte e correu a dar a noticia a Lúcia que partilhou a sua satisfação.

Estamos no mês de Maio. Por tôda a parte rompem flores. A quinta das Oliveiras está cheia de hós-

pedes. Todos os antigos bonecos de Joaquina vieram de vários pontos da Europa e da América assistir ao casamento da sua bemfeitora.

Uma nuvem de tristeza entenebrecia o rosto do padre Cosme. Não há alegrias completas. Não seria êle quem casaria a noiva, nem quem lhe daria as bênçãos nupciaes.

Sempre delicada e bôa, embora firme nos princípios em que fôra educada, a jovem americana remediou o mal quanto lhe era possivel.

A' mesma hora em que na igreja dos Ciprestes, ella e tornava *mistress* Hardisson, na capella de Mil Flores o padre Cosme dava a bênção nupcial a Januario e Margarida com a assistência de tôda a gente da povoação, vestindo os seus melhores fatos.

O dia estava lindo. Terminada a cerimonia religiosa, que fôra celebrada com tôda a pompa que a igreja católica permite em taes casos, os noivos, a pé, seguidos por todos os habitantes da aldeia, tomaram o caminho da quinta das Oliveiras, precedidos pela filarmónica da terra sob a regência do João Ferrador.

Ao chegarem á porta da quinta, formaram alas até ao palácio, em frente do qual a filarmónica com os noivos, o padre Cosme, D. Benedita e os convidados esperaram a chegada do cortejo de *miss* Goldstone.

Não esperaram muito. Uma girândola de foguetes lançada pelo José Pequeno annunciou que os noivos estavam já proximo de casa.

Então, todos procuraram compor-se para dar maior grandiosidade á recepção e, mal as carruagens se tornaram visíveis, todos entoaram o ino americano em côro seguido de «A Portuguesa» brilhantemente ensaiada e cantada em côro diariamente, não só na «Casa Maternal» e na Escola como por todos os camponezes ao levantar do trabalho.

Era encantador o espectáculo.

As carruagens e os automóveis despejavam á porta da quinta pares elegantissimos de estrangeiros. Os criados e criadas da casa, vestidos com uns trajos aldeãos de fantasia, e que Joaquina chamou o fato regional de Mil Flôres, davam ao quadro uma nota alegre. As mulheres vestiam saia vermelha, corpete de veludo preto, camisa de cambraia, um pequenino avental de renda branca e por cima uma grande papoula de setim escarlata. Meias brancas, tamanquinhas de polimento preto, brincos e colar de coraes.

Os homens vestiam calção e jaqueta de veludo castanho, com alamares de seda vermelha, cinta vermelha também, meia branca e sapato de polimento.

— São personagens de opereta, dizia *miss* Clarke escandalizada, quando Joaquina escolheu as gentis *toilettes* que a criadagem devia vestir no dia do seu casamento; quanto mais correcta não é a farda de qualquer laçao duma casa nobre!

Mas não tendo conseguido nada com a sua desaprovação, a velha ingleza confessava ao ouvido de

Fortunata que realmente os trajos pitorescos da criação punham uma nota alegre na festa.

Logo que a noiva desceu do automóvel, correu a estreitar nos braços Margarida que, amparada ao braço de Macário a esperava, vestida também de noiva, em frente da porta. O cortejo reorganizou-se e subiu a vasta escadaria, indo na frente Margarida e Macário porque era o lugar, afirmava *Mistress Hardisson*, que os filhos tinham sempre quando saíam com os pais.

Na quinta, em mesas volantes, foi servido a todos os camponeses um lanche, tão delicado como o que se serviu no terraço do palácio, porque Joaninha em dias esplêndidos, como aquele, preferia a tudo o ar livre.

O lanche correu na maior animação executando a filarmónica de Mil Flôres escolhidos trechos de música que um conhecido professor fôra ensinar-lhes; mas de quando em quando os inos americano e português eram entoados e calorosamente aplaudidos.

Depois seguiram-se danças e finalmente quando o automóvel que levava os noivos a uma breve digressão pelo Minho, se poz em andamento por debaixo dum chuveiro de vivas, bênçãos e flores. *Os bonecos de Joaninha* decidiram todos gentilmente ficar acompanhando *Sir Albert* durante a ausência da filha e tantos se multiplicaram para lhe abreviarem o tempo da ausência que o velho americano mostrava-se encantado.

Reuniram-se todos um dia numa das salas do pa-

lácio e, depois de demorada conspiração, Ernesto partiu para o Porto a encomendar ao notável escultor Teixeira Lopes uma estátua da Caridade sob a figura gentil de Joanhina aos doze anos de idade, abrigando as criancinhas. Essa estátua tem no pedestal a seguinte inscrição «Os bonecos de Joanhina agradecidos» e foi colocada á entrada da aldeia.

Sir Goldstone sensibilisou-se com a idea e mandou executar outra simbolizando o Dever na figura dum camponez e que foi colocada na outra extremidade da aldeia.

No pedestal da estátua fez gravar esta inscripção. «O pai de Joanhina ao carácter nobre dos seus amigos».

— Temos tudo, diziam orgulhosos os habitantes de Mil Flores, até monumentos que nos falam ao coração.

Os serões eram alegres na quinta das Oliveiras porque *Sir* Albert tinha um génio divertido e folgazão. Tocava-se, cantava-se, recitava-se, executavam-se jogos inocentes, e as noites passavam como por encanto. Os dias foram empregados em procurar ligar os seus nomes á obra de Joanhina, o que não era muito fácil, tão perfeito estava já tudo.

Hortense e Maria deram aulas de canto na aldeia e, com as lições que o padre Cosme já dera, conseguiram no espaço de tres meses que ali residiram, formar uma companhia tôda com gente da sua terra, que depois as acompanhou, devendo vir a distinguir-

se individualmente na nova carreira que abraçaram e em que decerto conseguiram aperfeiçoar-se com muito menos trabalho do que as suas mestras, que punham na sua educação o mesmo ardente esforço que Joani- nha puzera em as fazer alguêm. A maneira pela qual



Sentado numa ampla poltrona

foram criadas aquilatara-lhes os sentimentos, desejando dar aos outros tanto ou mais do que tinham recebido.

Jaime, que, como devem estar lembrados, era um agrónomo distinto, visitava as propriedades dos seus conterrâneos e não levava dinheiro a ninguêm.

Leonor empenhou-se em dotar a aldeia com uma biblioteca modêlo.

Samuel deu lições de pintura a alguns rapazes que depois se vieram matricular na Escola das Belas Artes em Lisboa, e pintou um magnífico retrato de *Sir Goldstone* em tamanho natural, e outro de Joaquina vestida de noiva, que foram colocados na sala mais bela do palácio.

Joana, também durante a sua estada, quis ensinar alguma cousa e, se não formou uma companhia como Hortense e Maria, levou consigo, quando se retirou, tres rapazes e duas meninas que mostravam decidida vocação para a arte dramática.

Vamos assistir á chegada de Joaquina de volta da sua viagem de núpcias. As salas das Oliveiras estão iluminadas. *Sir Albert*, sentado numa ampla poltrona de couro, deixa por sua vez que os bonecos de Joaquina o divirtam.

Fortunata tocou magistralmente ao piano «S. Francisco sôbre as ondas» de Liszt; Hortense e Maria cantaram magistralmente um dueto da «Norma» ópera já antiga da escola italiana, mas que hade ser sempre bela; e Leonor, depois de todos terem dansado, foi instada para recitar uma das suas composições.

Em frente do velho Goldstone, que já não ouvia muito bem, ela começou com voz clara e sonora :

ASPIRAÇÃO

É como o mar rugindo encapelado
A sêde de justiça que ha na terra.
Eu sinto o coração despedaçado
Ao ver por tôda a parte sangue e guerra.

Sofro do mundo estar acorrentado
Ao vício vil, que sob o lodo o enterra,
Quando o quizera altivo e depurado
Da podridão que no seu seio encerra.

A minha alma em revolta é como o vento
E mais veloz do que êle, o pensamento
Arrasta tudo e todos num vulcão.

As lavas são desejo insaciável
De santa paz bemdita e perdurável
Que torne bons na terra os que o não são.

Vibravam ainda no ar os aplausos quando um reposteiro se ergueu suavemente e *mistress* Hardisson, acompanhada do marido, entrou na sala em cabelo como se não tivesse abandonado a casa por tres meses.

Um grito de júbilo saiu de todos os peitos e, depois de se afastarem respeitosamente para que *sir* Albert pudesse abraçar e beijar a filha primeiro do que todos, era ver quem disputava entre risos e exclamações alegres o prazer de acarinhar a recémvinda.

Todos tratavam Joanhina por tu. Quem os visse juntos, raparigas e rapazes, suporia pela familiaridade amigável com que se tratavam, que eram todos irmãos ou primos. Ali não havia protectores nem protegidos.

Joanhina escrevera a Lúcia pedindo-lhe que preparasse tudo para que a sua chegada não fôsse presentida e ela pudesse gozar da alegre surpresa de todos; e Lúcia, para quem os seus menores desejos eram ordens, manobrou tão bem que ela pôde entrar no palácio, mudar de vestido e chegar junto dos seus sem ninguêem dar por isso.

Uma magnífica ceia fôra preparada e improvisou-se uma alegre festa que durou até de madrugada.

No dia seguinte, passava muito das tres horas da tarde quando os noivos, acompanhados por todos os hóspedes e pelo padré Cosme foram visitar a aldeia. Ninguêem falara a Joanhina no monumento á sua figurinha infantil. Vendo-o, a êle e aos outros melhoramentos introduzidos na aldeia, a jovem americana comoveu-se :

— ; Então temos a mais uma biblioteca, uma lavanderia, cantores, monumentos, tudo emfim?

— Falta ainda uma cousa, *Miss* (para os campônêses Joanhina continua sempre a ser menina).

— O que é?

— Uma farmácia, visto que, casando com um doutor em medicina, nos dá um médico.

Todos riram, mas logo no dia seguinte, Macário mandou para o *Diario de Noticias* um anúncio em que

se pedia um pharmaceutico que tivesse concluido o curso com distincções.

Mistress Hardisson era um par digno de sua mulher. Tomou interêsse por tôdas as suas obras e êle próprio resolveu abrir um curso nocturno de noções higienicas e primeiros cuidados em casos de urgência.

A música, a leitura e o estudo substituiram muito vantajosamente a taverna na aldeia de Mil Fleres onde de tudo se faz brincadeira e tira proveito.

Agora as mães empenham-se, aos serões, em fazer prêmios vulgares para o dia de Natal que vem próximo. Ali não há ninguém rico, mas também não se encontra ninguém pobre. Todos vivem numa folgada mediania que lhes dá alegria e bem estar. Como por muito pobre e infeliz que se seja se encontra sempre outro mais pobre e mais infeliz, concertam os trapos velhos para darem de esmola a algum vagabundo que por ali appareça na véspera de Natal.

E' no dia seguinte aos Reis que os hóspedes de *sir* Goldstone se propõem debandar para os vários pontos do globo onde os chamam as diversas carreiras que abraçaram; mas até lá é grande o prazer de se sentirem na casa paterna, como êles dizem.

Um notável diplomata americano, de passagem em Lisboa, visitou o milionário seu amigo na quinta das Oliveiras, e ficou encantado.

—E' magnífica a tua acção social, meu amigo; se o capital caísse sempre em tão generosas e benemerentes mãos, como a vida seria diferente!

— Não, não. O mérito não é meu, é de Joaquina. Ela é que me fez compreender todos os sublimes gozos que a riqueza nos pode proporcionar. E que bem que ela educou todos os seus bonecos! Em tres meses que têm residido junto de mim, êles têm decuplicado os beneficios que receberam a outros mais pobres e mais desprotegidos do que êles! A acção maternal nas mulheres revela-se desde a mais tenra infancia e os pais inteligentes devem aproveitar-lha. Quando fazem um enxoval para a boneca é bom lembrar-lhes que um bocadinho maior servia a uma criança nascida e incitá-las por êste e outros meios á protecção dos pequeninos.

Joaquina confessa-me muita vez que nunca boneco nenhum, comprado nas melhores lojas, lhe deu as alegrias que encontrou no meio dos seus protegidos. Estou convencido, meu caro Georges, que ela deve ser uma excelente e feliz mãe.

Contente, o diplomata ao retirar-se depois de visitar a aldeia, entregou ao padre Cosme que lhe serviu de guia, um cheque de mil libras para fundar um prémio anual destinado ao rapaz da aldeia que desse mais provas de talento.

— O que, no próximo ano se distinguir, envia-mo, Albert; não tenho filhos e o exemplo de Joaquina abriü-me o apetite de arranjar também os meus bonecos, e para dar ao hospício que tenciono criar um nome pouco vulgar, será a «Arca de Noé».

—Então fazes tenção de recolher um par de cada espécie de animais?

— Não; contento-me com um par de cada raça e de cada país. Quero mesmo observar qual se distinguirá mais segundo a sua nacionalidade.

E enlevado na sua original idea de beneficência, o illustre diplomata despediu-se de *sir* Goldstone com um grande abraço.

Estava tudo preparado para uma grande folia no dia 18 de dezembro. Eram os anos do padre Cosme. Ninguém esquecia na terra que devido, á sua bondade, tolerância e transigência, é que todos disfrutavam os grandes beneficios que a generosidade de *sir* Goldstone lhes proporcionava.

O padre Cosme nem sonhava a manifestação de simpatia que o esperava. Logo de manhã, um grande ramo de rosas brancas, mandado por *Mistress* Hardisson, levava-lhe, com muitos parabens, uma nota de cem mil réis para os seus pobres.

Os seus pobres eram os presos das cadeias de Lisboa que êle protegia indistintamente sem querer saber quais eram as suas faltas ou os seus ideaes. Muitos católicos intransigentes censuravam a igualdade com que êle protegia todos, e o bom sacerdote dizia sempre:

— Todos vieram á luz do mesmo modo e têm igual direito á vida. O resto não é comigo, é com Deus.

E continuou praticando o bem e semeando a ca-

ridade sem distinção e com a máxima justiça. Ao mesmo tempo que muitos padres eram insultados por pessoas sem educação, que, por não terem crenças, se achavam estúpidamente no direito de insultar as dos outros, o padre Cosme, vivendo constantemente com rufias, assassinos e bandidos, era estimado e respeitado por todos. Êle não impingia, com a esmola, a religião; sentia que isso era um acto de subôrno que não ficava bem á sua dignidade de ministro do Senhor. Só dava consolações do seu ministério a quem lh'as pedia e limitava-se a pedir nas suas orações luz para tanta alma em trevas.

Um dia que êle subia a calçada do Limoeiro em ocasião de revolta, [uns rapazes que passavam disse-ram-lhe umas chufas e um deles ia a pretender insultá-lo, quando outro, que vinha mais atraz, lhe susteve o braço :

— Vê o que fazes, Chico: olha que tocas no *amparo dos limões*.

Imediatamente o rapaz, recordado dos beneficios que um irmão recebera do padre Cosme no Limoeiro, descobriu-se, e pediu desculpa, murmurando :

— Eu não o conhecia.

Então o bom padre, sem se dar por ofendido, moralizou :

— Não faz mal, meu rapaz ; isto é uma lição para ti. Nunca ofendas quem vai no seu caminho e se não mete com pessoa alguma. ; Gostavas que alguém o fizesse a teu velho pai ou a tua mãe ? Mantem-te sem-

pre na justiça, meu amigo, e gozarás da tua própria estima, sem ter por que corar.

E, sem transição, perguntou-lhe :

— ¿ Como está o teu irmão ?

— Está bem, senhor. . . Vai agora tentar fortuna para o Brasil.

— Bem, bem : dize-lhe que me visite antes de partir.

E o *amparo dos limões* entrou para o *Limoeiro*. Todos sabiam em Mil Flores que dar-lhe cousas para os seus pobres era melhor que presentearém-no a êle ; por isso os antigos bonecos de Joaquinha tinham resolvido fazer duas festas, uma no *Limoeiro*, outra no *Aljube*.

Obtida licença do Ministério da Justiça, realisou-se pomposamente o programa, que constava de duas esplêndidas refeições, almôço e jantar, uma conferência sôbre *os deveres sociaes e as virtudes civicas* por Ernesto, entre os homens, e Leonor, entre as mulheres, música pela filarmónica de Mil Flores e trechos de canções moralisadoras e comoventes escolhidos na intenção de amolecer as rudes asperesas daqueles corações.

O padre Cosme ajudado pelas senhoras e homens, ia de sala em sala assistindo á distribuição e ajudando a servir os presos, dizendo a cada um uma frase de conforto e entregando-lhes uns pequenos embrulhos com dinheiro e cigarros, recomendando a todos :

— Fumem o menos que puderem. O tabaco é um vício nocivo que depauperava o organismo.

E muitos deles, a quem a afável conversa do padre tinha feito conhecer o mal que tal vício causava, desistiram de receber o maço de que êles os não privava senão pelo conselho. Terminada a festa, entregaram da parte do Ministro da Justiça ao padre Cosme um officio para o director da Cadeia. Lendo o seu conteúdo, o bóm homem exultou: era uma ordem de soltura para os presos por delitos insignificantes que os conselhos do *amparo dos limões* tinham regenerado.

Correu logo em procura do amável director das cadeias que, já prevenido, o recebeu sorrindo, deixando-lhe o prazer de levar aos presos a agradável noticia.

Mistress Hardisson entregou-lhes o enderêço duma hospedaria onde êles ficariam até lhes obter trabalho, do que Ernesto e Macário se encarregaram.

No Aljube, duas crianças louras e pequeninas, uma de tres, outra de cinco anos, atraíram a piedade de Margarida e de Fortunata, que se encarregaram delas com muito prazer da mãe que não tinha que lhes dar. Foi um belo dia.

Regressando ás Oliveiras, *sir* Albert Goldstone que se associara gostosamente á festa, dizia ao bom padre:

— Agora que os seus protegidos já estão satisfeitos, tratemos de nós. O padre pertence-nos até á meia noite. Ora, diga-me, meu amigo, porque é que tôda a

gente, pondo de parte opiniões e crenças, não vive em Portugal na bôa harmonia e amizade que nos liga?

— Falta de educação esclarecida, *Sir* Albert; é tudo falta de educação.

«Creia-me: os caracteres do povo são excelentes, a matéria prima é de primeira ordem. . . são diamantes brutos que precisam de ser pulidos. Se em cada canto de Portugal houvesse um Goldstone. . .

— E um padre Cosme, diga também.

— Direi, porque a falsa modéstia é mentira, e eu não minto.

O jantar correu na maior animação e, quando, á noite, o padre Cosme se recolheu á sua casa, achou-a completamente transformada. Oleados cobriam o velho sobrado e o seu quarto, a sala e a casa de jantar estavam magnificamente mobilados, com grande indignação da velha criada.

— Ora veja o snr. Prior que barafunda! Esta gente da *es'ranja* é muito bôa, mas não o tem todo. Puzeram-nos a casa de pernas ao ar! Mal o senhor saiu, chegou a D. Benedita com os criados do palácio, carroças carregadas de móveis, e toca a meter tôda a mobília antiga na adega velha, de modo a que as gavetas das cômodas e da secretária se podessem abrir. Ai não tocaram nem eu deixava; mas no mais? . . . Foi o dia de juízo. E eu que gostava daqueles trastes como se fôssem pessoas! . . . De olhos fechados corria todos os cantos da casa! Hoje, antes do senhor chegar, tenho-me farto de dar topadas em tudo. Tocando

no comutador eléctrico, melhoria introduzida na casa paroquial por ocasião da iluminação da aldeia, o padre Cósme ficou encantado, mas, apesar de tudo, não pôde deixar de soltar um suspiro de saudade pelos mudos companheiros de tantos anos de virtude.



veiu á janela agradecer

Deitou-se e, momentos depois, quando apagou a luz, ergueu-se de repente um cântico suave executado em surdina por tôdas as vozes da aldeia e que há muito vinha sendo diáriamente ensaiado durante as vindas do padre às cadeias.

O prior sentou-se sobresaltado na cama e lágrimas de sentida comoção lhe correram ao longo das faces. O canto dizia assim :

Dorme, amparo da pobreza,
Alento dos desgraçados,
Que as tuas mãos, com largueza,
Nos tem feito afortunados.

Dorme, que Deus, lá dos ceus,
Por ti trabalhando vai,
E ás consciências dos reus
Diz brandamente : — acordai.

Dorme, que, quando despertas,
É para nos dar mais luz.
Em tua alma estão insertas
As doces leis de Jesus.

Dorme, que o povo da aldeia
Sobre ti lança Mil Flôres,
O' consôlo da cadeia,
Amparo de tantas dores.

Dorme, dorme socegado.
Deus te dê vida e saúde,
Porque a todos nos tens dado
São exemplos de virtude.

Como se vê, a inspiração era pobríssima, mas nascia sentida e espontânea do coração do povo.

Chorando, o padre Cosme embrulhou-se num caote e veiu à janela agradecer. Todo o povo da aldeia

estava reunido ali e *Mistress Hardisson*, seu marido e todos os seus protegidos, cantavam com o povo misturando-se no mesmo sentimento de affecto e gratidão porque bem fazer tem gozos que os egoistas não conhecem, e quem nos proporciona a prática dum bom acto presta-nos um favor porque nos dá uma alegria espiritual que os outros prazeres da terra não podem igualar.

Paremos aqui. Todos estão alegres e felizes com a vida cheia de risonhas promessas. Em breve o destino os fará seguir vários caminhos. As despedidas são tristes!... Quem sabe se para todos não foram estes dias que eu acabo de descrever os melhores da existência? Não pude ainda investigar. Façamos votos para que os bonecos de Joaquinha sejam sempre tão bons como até ao presente.



FIM

O visco

Estávamos no Natal e nesse dia, ao jantar, convidaram-me a ir assistir a uma festa no dia de Ano bom em casa duns parentes de origem inglesa. Apesar de meu avô fazer anos nesse dia, fui. Estimulava-me a curiosidade de assistir a uma festa com usos diferentes dos nossos. Fazendo tenção de observar tudo, sentei-me perto duma senhora de idade, tia de meu pai. Não há como os velhos para nos porem ao facto de tudo minuciosamente.

Eu não ouvia falar senão no visco, e com grande entusiasmo. Perguntei á tia Ema o que era o visco e, amavelmente, ela apressou-se a satisfazer-me a curiosidade:

— O visco, *my darling better*, é uma planta lenhosa e parasita que vive sôbre as árvores, dos troncos das quais se sustenta, e que se encontra em tôda a parte do mundo.

« A sua espécie principal é o visco branco, que

raríssimas vezes se encontra no carvalho, mas é frequente sôbre as outras árvores.

« E' uma planta prejudicial porque, na opinião dos cultivadores, nutre-se dos troncos a que se agarra, e seca-os. As suas fôlhas são amargas e mucilaginosas e foram preconizadas como anti-espasmódicas. O visco dos carvalhos foi objecto da veneração dos gaulezes.

— ; Mas a que vem tudo isso, tia ?

— Vem para, em breves palavras, te responder ao que me perguntas, *my dear*.

Não pude deixar de sorrir porque as *breves palavras* eram bem longas na minha opinião.

— Mas escuta : com a tua impaciência infantil não me deixaste chegar onde eu queria.

E continuou :

— Os gaulezes veneravam o visco. No princípio do ano, o chefe dos druidas acompanhado das suas sacerdotisas, dirigia-se a uma floresta consagrada e aí, vestido de branco, diante da multidão, subia á árvore e cortava o visco com uma foice de ouro.

— Isso devia ser uma cerimónia imponente, disse eu interessada.

— Muito. Os druidas não deixavam assistir ninguém ás cerimónias que realisavam nas suas florestas, sem que os candidatos passassem por provas semelhantes ás que os magos impunham aos iniciados antes de os admitirem ao culto de Mithra.

— Mas que tem tudo isso com o visco que eu vejo pendurado no lustre da sala grande?

— Lá vamos, és muito apressada. Ainda hoje é costume apanhar-se, ou, mais cómodamente, adquirir o visco e tê-lo em casa no primeiro dia do ano como um símbolo de que êle será feliz. Ainda em muitas:



Eu tinha então dez anos

aldeias de França e de Inglaterra as crianças pedem, gritando com tôdas as suas fôrças, o visco do ano novo, como aqui, nas aldeias do norte de Portugal pedem as janeiras.

— Mas, tia, teimeei eu; para que é o visco pendente da sala?

— Que pressa! nem me deixas contar as cousas com geito. . . Isto, *my little Mary*, são talvez restos.

da tradição. A' noite, os jovens dançam e procuram, no ardor da valsa, levar o seu par para baixo do visco; o que o conseguir, dá um beijo á menina. Mas se ela é habil, não se deixa arrastar para lá. E' muito engraçado e dá sempre origem a ditos e risos. Has-de ver.

Não vi. ¿E sabem porquê?

Escutem. Eu tinha então dez anos, e minha tia continuou:

— Os druidas, como eu te ia contando, adoravam o sol. Eram sábios, para o seu tempo, já se vê; estudavam os fenómenos da Natureza, e entregavam-se a estudos astronómicos.

— ¿O que são estudos astronómicos, tia? perguntei eu fazendo esforços para não fechar os olhos.

— E' estudar o movimento dos corpos celestes, a lua, as estrélas. . .

Não ouvi mais.

Senti que me pegavam cuidadosamente e me depunham numa fofa cama de penas, dizendo:

— Pobre *darling!* é tão pequenina ainda. . .

— Quero ver a dança do visco, pensei ainda eu.

E adormeci tão profundamente, que a dança passou sem que eu desse por isso. Quando o meu velho criado me veio buscar na carruagem, eu nem senti nem que êle pegava em mim, nem que me levava. Só quando nos apeíamos á porta de casa acordei com o bater da portinhola que se fechava, e ouvindo-o dizer ao cocheiro:

— Gonçalo, a senhora quer a carruagem amanhã ás tres horas.

Espertando súbitamente, perguntei ao António :

— E o visco? a dança?

Èle abriu os olhos espantado, e disse-me sentencioso :

— O visco serve para apanhar pássaros e as danças para os malucos na juventude; para a minha vélhinha o que serve agora é dormir que são horas.

E eu fui-me deitar maldizendo as explicações da tia Ema que, á fôrça de minuciosas, me impediram de ver dançar sob o visco.

No dia seguinte, fui troçada por meu irmão e primos que se tinham divertido muito em nossa casa sem terem tido a ambição de ver em que as festas dos estrangeiros diferiam das nossas.

Eu então, fazendo bôa cara á má fortuna, quis persuadi-los de que me tinha divertido imenso, e com tais côres lhes pintei os druídas, as suas práticas, e por último a dança sob o visco, que êles persuadidos de que tudo quanto eu dizia era exacto, acabaram por lamentar não me terem acompanhado.

Eu, fingindo-me encantada, dizia-lhes :

— Que histórias lindas sabe a tia Ema ! Em ela cá vindo, peçam-lhe que lhes fale dos druídas. E de mim para mim dizia :

— Não hei de ser só eu a cair de sono.

Mas como isto era da minha parte uma maldade, não deixou de ter o seu justo castigo.



...acordei com o bater da portinhola que se fechava...

Nós iamos tôdas as tardes brincar para o passeio da Estrela por onde as senhoras inglezas residentes em Buenos Ayres faziam a passagem para a sua igreja que lhes fica visinha. Uma tarde, a tia Ema passou, e, vendo-nos, chamou-nos.

Corremos ao seu encontro.

— O' tia, pediu meu irmão, fique aqui um bocadinho, tem lugar naquele banco.

E procurava arrastá-la para o sítio indicado.

— Conte-nos a história do visco que contou á mana.

— Conte, snr.^a D. Ema, insistiam meus primos.

Eu puzera-me vermelha como uma romã.

— Para quê? Querem adormecer como ela? perguntou risonha e vermelha a tia Ema.

— Então tu adormeceste? perguntou desconfiado meu primo António.

— Tiveste sono? interrogou meu irmão no mesmo tom.

— Eu não quis dormir, o sono é que veio.

— Foi pena, continuou a tia; não viste a dança como tanto desejavas.

— O quê! ela não viu?!... perguntaram êles espantados.

— Peste de velha! murmurei eu de mim para mim, ha-de sempre falar de mais.

— ¿Então ela disse-vos que viu?

Afirmativa por parte dos tres.

A tia Ema, mais vermelha de que nunca, reprimiu o seu sorriso habitual e disse-me num tom sêco:

— Que feia acção, *darling!* Uma pessoa que mente, perde a confiança de todos. . . Nunca mais tornes. E despedindo-se, afastou-se.

Os rapazes, contentes de eu ter sido repreendida, saltavam de contentes num pé e noutro e repetiam, imitando a dura pronúncia da tia Ema:

— Que feia acção, *darling!*

Decidi bater-lhes. Êles fingiam passar-me á capa, como se eu fôsse um toiro. Já exasperada, agachei-me atraz do marco fontenário que havia no jardim, e quando êles se aproximaram puz-me em bicos de pés e com a mão sob a torneira reguei-os.

Furiosos por sua vez, decidiram fazer-me uma pega de cara.

Felizmente apareceu naquela ocasião o visconde de Ouguela, grande amigo de meu avô, que preguntou beijando-me:

— ¿ Porque está tão zangado o despotismo na infância?

Era sempre como êle me chamava.

— Porque não sou toiro e não quero ser pegada de cara.

— ¿ Então estavam brincando ás toiradas?

— Não, expliquei eu; nasceu da fúria.

Meu irmão, vendo apontar ao fundo da rua a figura esbelta e aprumada de meu avô, gritou aos primos:

— ¿Quem me apanha?

E afastaram-se correndo. O visconde de Ouguela sorriu e pondo a minha pequena mão no seu braço, dizia-me:

— Os marotos fugiram a tempo; vem ali quem canta e lhes diria que não é costume toirear uma senhora, mesmo quando ela é o despotismo na infância.

O termo *senhora* lisongeou-me.

Passei o resto da tarde junto do avô e do visconde de Ouguela.

Êles, ás escondidas, faziam-me ameaças. Isso não me importava; o que me aborrecia era a frase da tia Ema que parecia retinir-me constantemente aos ouvidos,

— Que feia acção, *darling*!

Decididamente teria feito muito melhor não mentindo.

Quando regressámos a casa, sentei-me no chão no vão da janela, no gabinete de fumo do avô.

— ¿Estás triste, neta? indagou êle com estranheza.

— Tenho o coração pesado.

— Sim? porquê?

— Não sei se te zangarás.

— Bem sabes que nunca me zango contigo.

Narrei-lhe o caso, mas sem me atrever a olhá-lo.

— Tens razão, concordou êle, isso é desagradável, mas o que está feito não se pode emendar. Reflete nisso e para a outra vez não cáias em te expo-

res á censura de ninguêm. Mas não estejas triste que não vale a pena. ¿ Que queres, para te consolar?

— Não tornar a ver a tia Ema.

— Não é justo, mas com habilidade evitaremos a sua presença neste primeiro tempo.

Vendo que eu continuava triste, voltou :

— ¿ E que mais queres?

— ¿ Levas-me ao teatro?

— Vai dizer que nos dêem de jantar mais cedo.

Abracei-o efusivamente e corri a transmitir a ordem.

Jantámos e depois fomos com todo o vagar para o teatro da Trindade. Representava-se uma vistosa mágica chamada «A filha do Inferno». Pois nem ali a desagradável voz da tia Ema me saía dos ouvidos.

Num dos intervalos disse ao avô :

— Não me larga. Parece que a sinto dizer-me ao ouvido : Que feia acção, *darling* !

— Não faças caso, vem comer um pastel.

E, aborrecido por me terem afligido, embora justamente, o avô murmurava por entre dentes :

— Que impertinente velha !

Há quanto tempo isto passou, mas está tão vivido na minha memória como se fôsse passado hoje.

As pessoas de quem falo neste conto tôdas morreram, menos meu irmão e eu. Não sei se êle conserva a recordação deste facto. E' natural que não, porque se não sentiu vexado como eu.

Faço votos para que os meus pequenos leitores

não ouçam nunca uma frase impressionante como esta :

— Que feia acção, *darling* !

Não a esquecerão em tôda a vida, e o sorriso que na tarde da vida lhes arranca não as consolará do dissabor profundo que lhes causou.

— Porquê ? perguntar-me-hão.

Porque a censura da tia Ema não teve valor por ser dela, mas porque a minha consciência a sentiu justa. Oiçamos sempre a voz da consciência para que ela nunca nos diga :

— Que feia acção, *darling* !

FIM

○ MEU CAVALO NEGRO ○

Um dia desejei ter um cavalo e não tardou muito que me realizassem o desejo dando-me dinheiro para o comprar.

Duzentos mil réis! Nesse tempo, por esta quantia podia-se adquirir um bom cavalo.

Escrevi para Evora e foi-me respondido que existia ali um cavalinho lindo, mas por ensinar. Era muito novo, e correspondia perfeitamente á côr e qualidades que eu queria encontrar na minha montada.

Parti imediatamente para a velha cidade alemtejana, anunciando a minha chegada ao meu amigo que, aqui, em Lisboa, era querido de tôda a sociedade elegante, onde era conhecido pelo *Matos de Evora*. Muito gentilmente, êle veio esperar-me á estação e fez-me as honras daquela linda terra com a gentileza amável e hospitaleira que o caracterisava.

Logo que adquiri o meu cavalo, que era negro

como azeviche e tinha uma formosíssima estampa, dei-me pressa de regressar a Lisboa.

Começou êle a dar lições e a fazer rápidos progressos, podendo dar exemplos de aproveitamento a muitos alunos preguiçosos que há por êsse mundo.

Valente, dócil, ousado e fogoso tinha tôdas as qualidades que distinguem um servo fiel e dedicado. Dentro em pouco aprendeu tudo que se ensina em alta escola, o que para o cavalo equivale ao mesmo que para os homens cursarem as Universidades e terminarem o curso pelo doutoramento, tomando capelo.

Era um cavalo sábio que devia ser e com certeza era, a vaidade e orgulho da sua raça.

Todos se admiravam de que êle tivesse custado tão barato.

E' que o amigo que mo vendera, se não tinha perdido, não quisera ganhar, tendo satisfação em me proporcionar um prazer. Este delicado sentir não é compreendido pela maior parte da gente que só se move a conveniências mesquinhas, embora tenha fortuna, ou por isso mesmo que a têm. . . Mas deixemos isto, que não interessa, e volvamos á história.

Estando o meu ginete doutorado em ensino cavalgar, resolvi dar-lhe um nome. Isto parece empresa fácil á maioria da gente, mas para mim confesso-lhes que não foi. Era preciso que o nome fôsse magnífico, soasse bem ao ouvido, estivesse á altura do seu gentil possuidor. Sugeriram-me vários. Nenhum me agra-

dava, até que, finalmente, tive uma inspiração que me pareceu feliz e exclamei com alegria :

— Achei.

— Dize, pediu o meu mestre.

— Será Atila.



O meu cavalo negro

— Não concordo. O teu cavalo é um carácter nobre, não tens nenhuma acção perversa a censurar-lhe, enquanto que o chefe velhaco e ousado que no quinto século governava os Hunos, se era valente, tinha péssimas acções: lembra-te de que, para reinar sózinho, mandou matar Bléda, seu irmão.

— E' certo.

O meu cavalo, tendo nobres instinctos, seria incapaz de tal baixaza. Hesitei, mas então eu era nova e impulsiva; dentro de mim pareciam erguer-se ondas de entusiasmo heroico, dedicação patriótica, valentia que me impelia ao desejo de cumprir actos para que não tinha ensejo. Isto fazia com que eu reparasse mal nas cousas, nas pessoas e nas lendas: em tudo. Via o lado brilhante que me fascinava; o outro não reparava nêle. Quando alguém se distinguia, eu pensava, embora o não dissesse; isto que êle ou ela fez, qualquer outro faria sendo portuguez. Todos nós somos assim, o que nem todos temos é ensejo para o demonstrar.

De Atila o que eu fixára, o que me deslumbrára a imaginação é que êle se intitulava o *flagelo de Deus*, dizendo que *a erva não renasceria por onde o seu cavalo tivesse passado*.

Era o conquistador que eu via e não o cortejo de horrores que acompanham as conquistas.

Na gravura que acompanha a fôlha da história da Idade Média, de Victor Duruy, que tôdas as crianças que lêem francês conhecem, eu não via a mulher semi-nua, de cabelos desgrenhados, esmagada pelas patas dos corseis, nem a criancinha que a alguns passos jazia caída no solo. O que eu via e me enlevava, eram os destemidos cavaleiros formando um corpo único com os seus cavalos; eram êstes parecendo voar, e dominando tudo pela grandeza épica das suas

atitudes, imagens eloquentes de vitória que me faziam pulsar o coração infantil e me davam vontade de repetir os formosos versos de Castilho :

O' mãe, não ser eu mancebo,
Não ser eu aventureiro. . .

Não via o horror das povoações nem o sofrimento dos que fugiam espavoridos. Via Atila depois da batalha de Châlons, fechando-se num campo cercado pelos seus carros e sôbre um grande monte de selins aos quais os hunos, de archote na mão, estavam prestes a lançar fogo. Não era ainda um vencido ! era o forte que no meio da adversidade encara a morte, que julga necessária, sem pestanejar.

Os aliados não ousaram afrontá-lo, e o tigre voltou á Germânia.

A morte de Atila, dum fluxo de sangue, deu-se dous anos mais tarde e o império do ocidente só lhe sobreviveu 24 anos; mas *o flagelo de Deus*, forte e rápido como os grandes temporais, ficou, por isso talvez, na memória dos homens ainda maior, porque êle era, por assim dizer, tôda a força que mantinha o ocidente unido.

Emfim, apesar de tudo quanto o meu mestre me disse e eu achava justo, a minha apaixonada e pouca reflectida admiração por Atila fez-me dar ao meu cavallo o seu nome.

O que agora, se eu pensasse do mesmo modo, me pareceria um desacato, appareceu-me então como uma

grande homenagem. Atila saiu comigo fora dos muros da quinta pela primeira vez. Era um sábado. Eu tinha resolvido dar um passeio um pouco longo; ia a Runa, que ficava á distância de onze léguas da quinta do Leão, onde eu então vivia, e que estava situada entre o Campo Pequeno e o Rego. Meu irmão e dois primos acompanhavam-me de bicicleta. Já havia comboios, mas o prazer de aparecer de surpresa a meu avô e de lhe mostrar o cavalo que êle ainda não conhecia, entusiasmava-me em extrêmo.

Sáimos de tarde. Que linda e formosa tarde foi aquela!. . . Tínhamos acabado de jantar. Corri a envergar o meu vestido de amazona. Minha mãe, encostada na varanda com algumas pessoas amigas, assistia aos nossos preparativos de partida com o sorriso triste com que sempre nos via afastar. Eu a custodisfarçava o meu grande júbilo. Iamos só por tres dias.

Atila, que desde que viéra do Alemtejo nunca saíra da quinta e do picadeiro, sentia-se tão alegre como eu, gozando daquela liberdade relativa que nos parecia a ambos quasi infinita.

Quem me diria a mim que, poucos meses volvidos, eu teria a deplorar a maior perda da minha vida — a morte do meu avô materno cuja ternura por mim não conhecia limites!

O sol começava a cair no horizonte. Um dos primos ofereceu-me o joelho para montar. Dizendo adeus á família, meti o cavalo a meio galope. Os ciclistas am um pouco á frente fazendo de batedores.

Eu, apesar da tristeza da hora, cuja poesia sempre influiu no meu carácter naturalmente melancólico e fingidamente jovial, sentia-me magnificamente bem disposta. Dentro em pouco estávamos na calçada de Carriche, e o cavalo que não estava habituado a ver



A' porta desta locanda...

animais da sua espécie, a não ser os seus companheiros de cavalaria, ficou encantado ao passar por uma grande estalagem que havia a meio da calçada, vendo que havia no mundo mais cavalos.

A' porta desta locanda uma lavadeira dos arredores prendera a uma das argolas para êsse fim cra-

vadas na parede, uma robusta égua branca, e Atila, cavalheiresco e amável, vendo aquela menina, começou a cumprimentá-la furiosamente, e resolveu mesmo dar-lhe um abraço afectuoso. Os meus companheiros e a dona da égua receberam que, no meio do seu júbilo, êle me atirasse ao chão. Mas tal não succedeu. Apenas, por se ver contrariado, se lançou numa corrida vertiginosa, custando-me, apesar da sua finura, a sofreá-lo.

Tínhamos escolhido mal a noite. Não havia luar. Os ciclistas iluminavam o caminho com as suas lanternas, mas Atila, habituado a não sair, e nunca o tinha feito de noite, a tudo fazia reparos.

Duma vez era um carro que passava, cujas guizeiras, então usadas pelos machos, o sobresaltavam com o seu tinir; de outras, um carro de lenha que esperava, carregado, que de madrugada lhe engatassem o gadô que o havia de conduzir á cidade. Se eu lhe não falava e não o prevenia, dava um salto repentino para o lado, como o poderia fazer uma criança assustada, ao ver qualquer sombra no caminho. Chegámos á meia noite á Póvoa da Galega, onde ceámos, esperando que a madrugada rompesse para evitar as dificuldades que a falta de luz nos causava.

Meu irmão exigiu que eu repousasse umas horas enquanto êles ficavam conversando em volta da mesa. Para lhe fazer a vontade retirei-me ao melhor quarto da estalagem e atirei-me vestida para cima da cama. Foi-me impossivel dormir. Atacada por um

exército de percevejos, poucos momentos depois de me ter deitado tive de me levantar, acender a luz, despir-me e atacar o inimigo com tãda a valentia. Rompeu a manhã quando eu terminava a faina. Por um pequeno buraco que havia no soalho chegava-me aos ouvidos a conversa dos meus companheiros de jornada, de forma que, enquanto combatia os meus mal cheirosos adversários, não me aborrecia.

Meu irmão bateu-me finalmente á porta do quarto e ficou admirado encontrando-me pronta a descer.

— Passaste mal?

— Tive de sustentar uma verdadeira batalha, disse eu narrando-lhe os tormentos que passára naquelas duas horas.

Êle riu e descemos. Os primos já tinham tirado o cavalo e as bicicletas para fora. A madrugada estava formosíssima prometendo-nos um dia verdadeiramente encantador.

Não querendo chegar a Runa antes das sete horas, fizemos demoradas paragens no caminho, sendo a última e mais longa no alto das Lombas. Que grande e fundo prazer senti ao lançar os olhos ao lindo vale que me jazia aos pés!

Estava ali, para lá da risonha aldeia nas terras de Alcobaça, o asilo militar de Runa, onde o meu avô era governador. Avistava a janela do seu quarto e calculava o imenso e vivo prazer que êle sentiria quando uns dez minutos depois, de surpresa, a minha voz o despertasse gritando por êle sob aquela ja-

nela. O coração pulava-me apressado. Meu irmão consultou o relógio:

— E' tempo de continuarmos.

Saltei de novo sôbre a sela e seguimos.

Quando subimos a Avenida, não pude mais suste-
ter-me; meti o cavalo a meio galope até chegar sob
a janela do quarto do meu querido vélhinho e gritei
alegremente:

— O' Avô! Avô! Levanta-te! anda ver a tua neta
e o seu novo cavalo.

A janela ergueu-se rápidamente e minha tia Hen-
riqueta disse para dentro com sobresaltada voz:

— E' a pequena, papá, é, tem razão.

— Tia, dize ao avô que se levante e venha ver o
meu cavalo.

— E' um instante. Diz que vai já.

Dei vagarosamente a volta ao edificio e mal tinha
de novo parado á porta lateral da esquerda, que dava
entrada mais directa para casa, quando meu avô apa-
receu, satisfeitissimo com o olhar verde húmido de
comocão.

— Que grande alegria, neta! Confesso que te não
esperava.

— ¿E que dizes ao meu cavalo? O avô era en-
tendedor.

Eu fiz-lhe mostrar tôda a sua elegância e habili-
dades, acabando por o fazer ajoelhar diante de meu
avô. Depois apiei-me entregando-o á ordenança que

estava á porta, e lancei-me ao pescoço do avô abraçando-o com ternura e transporte.

Este passeio a Runa deixou-me nalma as mais gratas recordações.

Eu já tivera um cavalo, bonito e bom, mas que não correspondia aos meus desejos embora fôsse um belo animal. Pertencia ás famosas coudelarias do conde da Atalaia, era baio e tinha as crinas pretas; bem educado e saltador, não era contudo como Atila, o ideal da sabedoria, da estampa e da elegância. Eu tinha-lhe posto o nome de Weverley, um dos mais famosos heróis dos livros de Walter Scott.

Meu avô pediu á tia que mandasse apressar o almôço e durante êle reinou a melhor alegria, não se falando de outra cousa senão desta pequena viagem, das aventuras do caminho, da batalha que dei aos percevejos na Póvoa da Galega e da alegre surpresa do avô.

— Ha mais de dez anos que não faço a minha toilette tão rápidamente, confessava êle. Vi-me na imaginação transportado aos tempos de rapaz, quando o conde das Antas me mandou chamar á pressa para lhe ir fazer um reconhecimento.

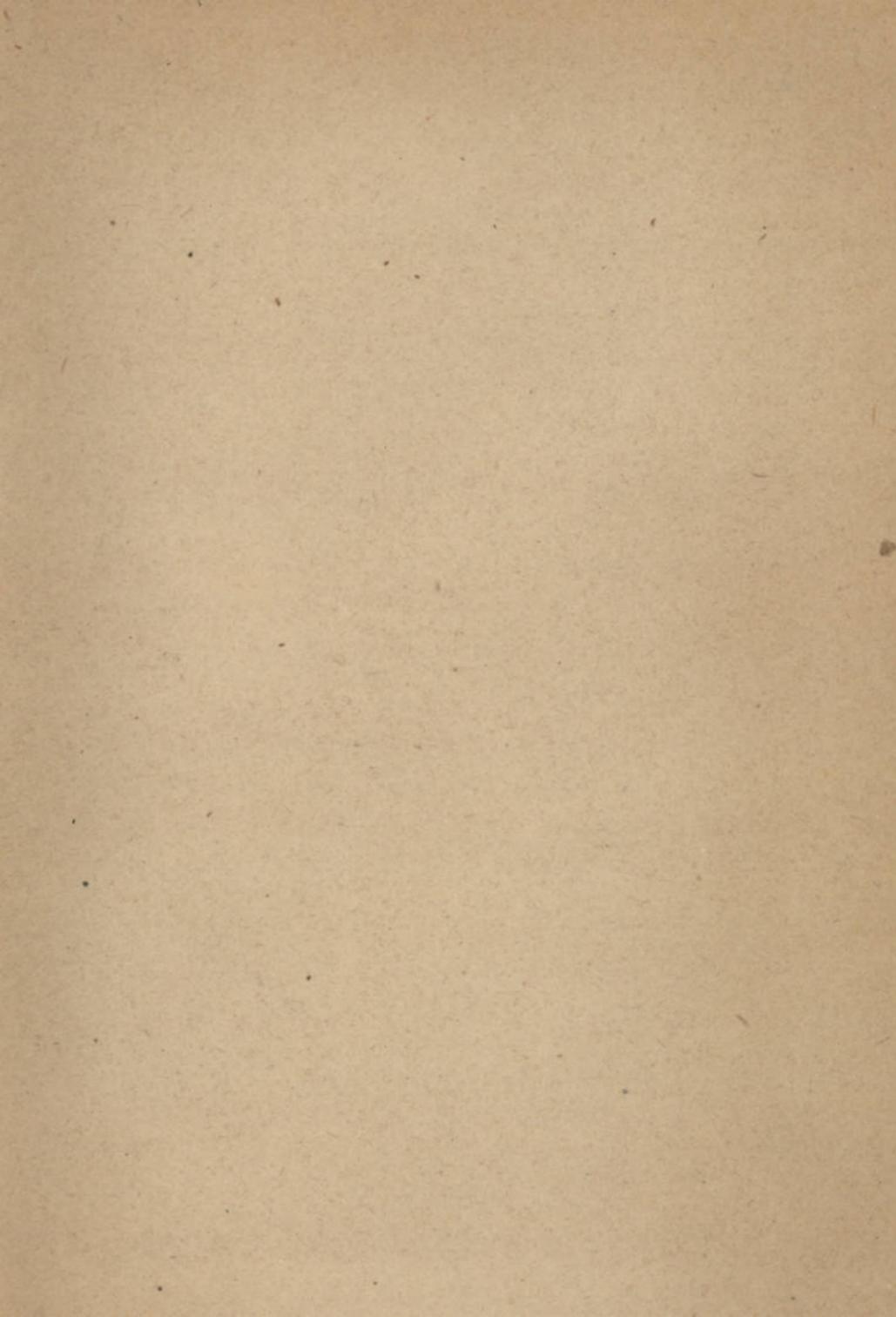
E seguiu a história do interessante caso que eu contarei um dia aos meus jovens leitores.

Não voltei para Lisboa a cavalo. A minha ida por tres dias estendeu-se a dois meess. No fim dêles morreu meu avô. São tristezas, não vo-las quero contar em tenra idade. Um dia, que será sempre cedo,

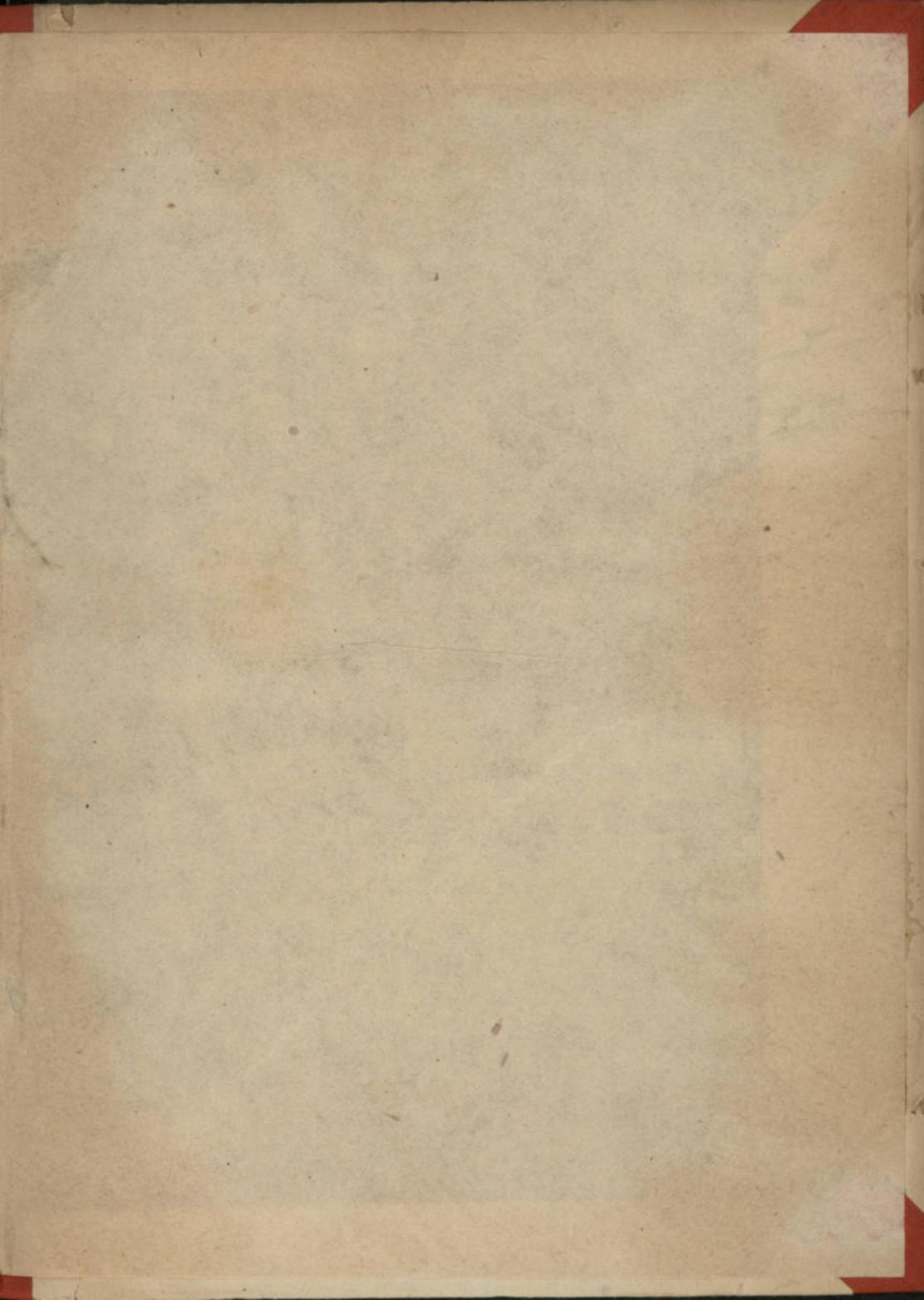
as conhecereis pela experiência da vida. Desinteressei-me então do meu cavalo negro, como de tudo, e Atila foi vendido sem que eu o tornasse a ver. A sua vista causar-me-ia grande abalo.

O coração humano tem estranhas e incompreensíveis sensibilidades que só compreendem os que estão feridos da mesma dor quando têm carácter idêntico; senão, não. Comtudo Atila foi uma das minhas maiores aspirações e a minha última e desanuviada alegria. Nunca, por isso, me pode esquecer.

FIM









7

18
